

A LIAHONA

NOVEMBRO DE 1988



A LIAHONA

Novembro de 1988 Volume 41 nº 11
PBMA8811PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Jesus Curando o Homem que Tinha a Mão Mirrada (Mateus 12:9-13), de Robert T. Barrett.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cz\$ 1.500,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cz\$ 140,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona is published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

"VEM, E SEGUE-ME" Presidente Thomas S. Monson

7 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"A CARIDADE TUDO SUPORTA"

8 O SIGNIFICADO DO ARREPENDIMENTO Elder Theodore M. Burton

14 A VOLTA

18 ENTÃO EU ACREDITAVA, MAS AGORA SEI Don L. Searle

23 ORE POR PAPAI Elaine S. McKay

25 A MÚSICA FOI O MISSIONÁRIO Marjorie P. Hinckley

26 JESUS ME OUVE Jean Ernstrom

29 "Ó MEU PAI" Alberdina Van den Hazel-Hogerman

31 UMA PALAVRA DE SABEDORIA Diane Cripe

33 SER POBRE NÃO É DIVERTIDO Élder Marvin J. Ashton

36 PERGUNTAS E RESPOSTAS: Dar aos Pobres John F. O'Donnal

40 A TORCIDA Paul H. Dunn

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

38 UM PULO NA REALIDADE David C. Lewis

42 É UM PRIVILÉGIO A. Lynn Scoresby

46 "NÃO ME ENVERGONHO DO EVANGELHO DE CRISTO" Ricky McWhorter

48 VOCÊ TEM MUITO PARA DAR:

Uma Entrevista com a Irmã Ardeth G. Kapp

SEÇÃO INFANTIL

2 DE UM AMIGO PARA OUTRO: Élder Hélio da Rocha Camargo

4 TEMPO DE COMPARTILHAR: Saiba Quem Você É Pat Graham

6 FAZER AMIGOS: Palavras de uma Jovem Poetisa

8 SÓ PARA DIVERTIR: Quebra-cabeças Rich Latta





“VEM, E SEGUE-ME”

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Um monumento do Presidente Brigham Young, com suas palavras: “Este É o Lugar”, marca a entrada do vale do Grande Lago Salgado, e permanece como uma sentinela apontando o caminho. O Presidente Young dá as costas às privações, dificuldades e provações da longa jornada no deserto, através das planícies. Seus braços estendidos apontam para um vale de preciosa promessa.

Aquela primeira jornada, em 1847, organizada e dirigida por Brigham Young, é descrita pelos historiadores como um dos grandes eventos épicos da história dos Estados Unidos. Centenas de pioneiros mórmons sofreram e morreram de doença, frio ou fome. Houve aqueles que, não possuindo carroções ou animais de carga, literalmente caminharam os 2.000 quilômetros através de planícies e montanhas, puxando e empurrando

carrinhos de mão. Nesses grupos de pessoas, uma em cada seis pereceu.

Para muitos a jornada não começou em Nauvoo, Kirtland, Far West ou Nova York, mas na distante Inglaterra, Escócia, Escandinávia ou Alemanha.

As criancinhas não podiam compreender plenamente a grandeza da fé que motivava seus pais a deixarem para trás família, amigos, conforto e segurança. Algumas delas deviam ter perguntado: “Mamãe, por que estamos saindo de casa? Aonde vamos?” “Vem, meu tesouro; estamos indo para Sião, a cidade de nosso Deus.”

Entregues a Deus

Entre a segurança do lar e a promessa de Sião encontravam-se as águas revoltas e traiçoeiras de um poderoso oceano.

Quem poderia expressar em palavras o medo que se apoderou de



seus corações durante tão perigosas travessias? Inspirados pelos calmos sussurros do Espírito, sustentados por uma fé simples mas duradoura, eles se entregaram a Deus e partiram. A vida antiga ficava para trás, e uma vida nova estava à sua frente.

A bordo de um desses navios de madeira superlotados, estavam meus bisavós, com sua pequena família e alguns poucos pertences. As ondas eram altas, a viagem longa, os alojamentos estavam apinhados. Uma de suas filhinhas, Mary, sempre havia sido frágil; porém, agora, com o passar dos dias, sua mãe a via, preocupada, tornar-se mais e mais enfraquecida. A pequena Mary contraiu séria enfermidade. Não havia clínica a bordo, prescrição médica, hospital — tão somente a agitação constante do velho e cansado navio. Dia após dia, pais inquietos olhavam ansiosos à procura de terra, mas sem resultado. Mary não conseguiu suportar as agruras da viagem e, depois de arder em febre por dias, deixou pacificamente este vale de lágrimas.

Com a família e os amigos reunidos no convés aberto, o capitão do navio dirigiu o serviço fúnebre; aquele corpinho precioso foi cuidadosamente colocado em uma lona manchada de lágrimas e atirado ao mar revolto. O pai, um homem forte, confortou a mãe atormentada, repetindo, com a voz entrecortada de emoção: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” (Jó 1:21.) Haveremos de ver nossa Mary novamente!”

A Glória de Sião

Cenas como esta não eram incomuns. Lápides improvisadas com pilhas de pedras marcavam túmulos por todo o caminho, de Nauvoo, em Illinois, à Cidade do Lago Salgado. Foi o preço pago por muitos dos pioneiros. Seus corpos estão enterrados em paz, mas seus nomes vivem para sempre.

Os bois, cansados, andavam vagarosamente; as rodas dos carroções gemiam, homens valentes labutavam; nossos ancestrais, inspirados pela fé e açoitados pelos ventos, seguiam adiante. Eles, também, tinham à frente sua coluna de nuvem de dia e pilar de fogo de noite.

Freqüentemente cantavam:

Vinde, ó santos, sem medo ou temor,
Mas alegres andai;
Rude é o caminho ao triste viajor,
Mas com fé caminhai...
Tudo bem! Tudo bem!
(*Hinos*, n.º 8.)

Estes pioneiros lembravam as palavras do Senhor: “O meu povo deve ser provado em todas as coisas, para que esteja pronto a receber a glória que tenho para ele, mesmo a glória de Sião.” (D&C 136:31.)

À medida que o longo e doloroso esforço chegava a seu esperado fim, um espírito de júbilo penetrava todos os corações. Pés cansados e corpos exaustos de repente encontraram novas forças.

Nas folhas gastas de um velho diário de pioneiros lemos: “Ajoelhamo-nos em oração humilde ao Deus Todo-Poderoso, com nossos corações cheios de gratidão, e dedicamos-lhe esta terra, como lugar de morada de seu povo.”

Outro pioneiro registrou: “Não havia janela de espécie alguma na casa de um só cômodo que cavamos na encosta de uma colina. Tampouco havia porta. Minha mãe dependurou um cobertor velho na entrada e essa foi a nossa porta naquele primeiro inverno. Minha querida mãe disse que rainha alguma, entrando em seu palácio, sentira-se mais feliz ou orgulhosa de sua casa e das bênçãos do Senhor do que ela, quando entrou naquela cova depois de terminada.”

As provações, as dificuldades, o trabalho árduo e os desapontamentos foram enfrentados com resolução e fé inquebrantável num Deus vivo. As palavras de seu profeta-líder expressavam seu compromisso: “E este será o nosso convênio — obedeceremos a todas as ordenanças do Senhor.” (D&C 136:4.)

E os Desafios Atuais?

A passagem do tempo nos faz esquecer, e dissipa-se nosso apreço por aqueles que trilham um caminho de dor, deixando atrás de si uma senda de túmulos sem nome, manchada de lágrimas. Mas, o que podemos dizer dos desafios modernos? Não temos caminhos pedregosos para trilhar, montanhas tortuosas para



Ante os desafios de hoje, existe a necessidade daquele espírito pioneiro para nos guiar afastando-nos dos perigos que ameaçam nossa sociedade.

subir, trilhas para abrir, rios para cruzar? Ou existe hoje uma necessidade real daquele espírito pioneiro para nos guiar, afastando-nos dos perigos que ameaçam nossa sociedade?

Os padrões morais estão caindo. Hoje, mais do que nunca, temos gente nas prisões, reformatórios e em dificuldades. O crime aumentou assustadoramente. A decência parece decair com enorme rapidez. Muitos procuram as emoções do momento, sacrificando as alegrias da eternidade. Conquistamos o espaço, mas não conseguimos controlar a nós mesmos. E assim, perdemos o direito à paz.

Será que poderemos, de alguma forma, encontrar a coragem e a resolução características dos pioneiros de uma geração anterior? Podemos nós, eu e vós, na realidade, ser pioneiros hoje? Um dicionário define o pioneiro como “aquele que vai adiante, mostrando aos outros o caminho a seguir”. Oh, como o mundo necessita de pioneiros hoje em dia!

Gregos e romanos dominaram magnificamente em seus dias, mas seu triunfo terminou tão logo passaram a desejar a tão clamada liberdade, sem se importar com os direitos alheios. Eles queriam uma vida confortável, sem terem que trabalhar por isso. Desejavam segurança e comodidade, sem qualquer esforço de sua parte. Finalmente, terminaram por perder tudo — liberdade, conforto e segurança. Vemos que o mesmo tipo de padrão está sendo seguido em nossos dias, com pessoas procurando metas egoístas próprias. Outros são atirados para lá e para cá, enquanto procuram quem os lidere e guie: “A quem ouviremos?” “A quem seguiremos?” “A quem serviremos?” E Satanás está sempre pronto a fornecer líderes e profetas falsos para astuciosamente nos guiar na direção errada, distante daquilo que é certo e bom.

Devemos Lutar pela Verdade

Mas, se tivermos ouvidos que ouvem verdadeiramente, não esqueceremos as palavras do Salvador: “Eu sou o caminho, a verdade e a

vida” (João 14:6).¹ É à voz dele que temos de dar ouvidos, para não cairmos em tentação, para podermos lutar firmemente em prol da verdade. Não devemos esquecer que os anseios insatisfeitos da alma não serão atendidos pela procura interminável de alegria, através das emoções da sensação e do vício. O vício nunca conduz à virtude. O ódio nunca promove amor. A covardia nunca proporciona coragem. A



dúvida nunca inspira fé. A contenda nunca é do Senhor.

Muitos acham difícil agüentar as zombarias e os comentários insultuosos de pessoas tolas que ridicularizam a castidade, a honestidade e a obediência aos mandamentos de Deus. Outros permanecem firmes e encontram forças na vida dos justos, cujo exemplo pode transpor as barreiras do tempo. Quando Noé foi instruído a construir uma arca, a população tola olhou para o céu sem nuvens e caçou e zombou — até que veio a chuva.

Há séculos, no continente americano, as pessoas duvidavam da realidade do Salvador e de sua missão. Viviam em contendas e eram desobedientes, até que, quando da crucificação do Filho de Deus, fogo inextingível consumiu Zarahemla, o chão tremeu, a terra cobriu Moroniah, e as águas engolfaram a cidade de Moroni. As zombarias, caçadas, profanidades e pecados do homem foram consumidos por uma escuridão impenetrável e um silêncio aterrador. A palavra de Deus havia sido cumprida.

Será que, repetidamente, temos que aprender lições tão caras? Os tempos mudam, mas a verdade persiste. Quando fracassamos em aprender com as experiências do passado, estamos condenados a repeti-las com todo o pesar, sofrimento e angústia inerentes. Será que não possuímos sabedoria suficiente para obedecer àquele que tudo sabe, desde o princípio até o fim — nosso Senhor, o autor do plano de salvação?

Será que não podemos seguir o Príncipe da Paz, aquele pioneiro que, literalmente, mostrou o caminho a ser seguido? Seu plano divino pode salvar-nos da Babilônia do pecado, da complacência e do erro. Seu exemplo aponta o caminho. Ao defrontar-se com a tentação, ele a rejeitou. Quando lhe foi oferecido o mundo, ele o declinou. Quando dele foi requerida a vida, ele a deu!

“Vinde a mim, Jesus falou,
E seu exemplo nos deixou,
Para podermos nos guiar,
Vencendo o mal sem vacilar.

* Pois de tronos, domínios, poderes e reinos,
De grande glória e alegria seremos herdeiros.
Se obedecermos, pela eternidade sem fim,
Ao seu mandamento: “Vinde a Mim.”
(*Hinos*, nº 9.)

Ao nos defrontarmos com um novo ano, decidamo-nos a ser pioneiros na senda da justiça, seguindo a nosso Senhor e Salvador, Jesus, o Cristo, com amor e fidelidade. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem de mestre familiar:

1. As provações, os problemas e as dificuldades dos pioneiros foram enfrentados com resolução e fé inquebrantável num Deus vivo.

2. O Presidente Monson pergunta: Existe hoje uma necessidade real daquele espírito pioneiro para nos guiar, afastando-nos dos perigos que ameaçam nossa sociedade?

3. Muitos procuram as emoções do momento, sacrificando as alegrias da eternidade.

4. Quando fracassamos em aprender com as experiências do passado, estamos condenados a repeti-las, com todo o pesar, sofrimento e angústia inerentes.

Auxílios para o Debate

1. Compartilhe seus sentimentos sobre a maneira como nós, santos dos últimos dias, podemos dar um exemplo de vida justa a ser seguido pelos outros, e aproximarmo-nos de Cristo.

2. Neste artigo encontramos escrituras ou citações que a família que visitamos possa ler em voz alta e debater?

3. Será que poderíamos melhorar o debate, falando sobre o assunto com o chefe da casa antes da visita? O bispo ou o líder do quorum enviaram uma mensagem?

* Sexta estrofe, ainda não vertida para o português. (N. do T.)

“A CARIDADE TUDO SUPORTA”

OBJETIVO: *Fazer com que aumentem nossa compaixão, humildade, coragem e fé através das lutas da vida.*

Marie Andersen (o nome foi mudado) aprendeu a confiar no Senhor depois de sua jovem filha haver sido fisicamente atacada por um amigo adulto. A família teve que passar pela provação de submeter-se a comparecimentos prolongados no tribunal, durante os quais a própria menina teve de testemunhar.

A família de Marie sentiu-se frustrada — sua vida particular foi exposta em público. “Achei difícil continuar com minhas responsabilidades normais em casa e na Igreja”, comentou ela, “e muitas vezes me senti confusa e deprimida.”

O Senhor abençoou a família de Marie com amigos para ajudá-la durante esse período difícil. Ele também abençoou Marie de uma outra forma. Nessa época, seu bebê recém-nascido começou a acordar durante a noite — algo que nenhum dos outros filhos havia feito. Mais tarde ela, compreendeu o motivo pelo qual o bebê tornara-se tão inquieto. “Senti o Espírito sussurrar que o Senhor havia feito isso para que eu não ficasse acordada noite após noite, preocupando-me e sofrendo”, disse ela. “O bebê deu um propósito às minhas noites insones, e livrou minha mente dos problemas familiares.”

Embora as provações com as quais nos defrontamos talvez não sejam as mesmas que as de Marie, todas nós passamos por provações e sofrimentos na mortalidade. “Vivemos num tempo em que, como o Senhor predisse, os corações dos homens falhariam, não só fisicamente, mas em espírito”, declarou o Presidente Ezra Taft Benson, adicionando que “Satanás está-se esforçando cada vez mais para vencer os santos com desespero, desencorajamento, desalento e depressão.” (A *Liahona*, março de 1987, “Não Se Desespere”, p. 2.)

Não temos que ser sobrepujados por nossas

provações. Elas, de fato, podem ensinar-nos humildade, fé, coragem e compaixão, ajudando-nos, no final das contas, a nos tornarmos mais semelhantes a Cristo. Através delas podemos aprender a desenvolver a caridade, o puro amor de Cristo, que “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. (I Coríntios 13:7; ver também Moroni 7:45.)

Ter caridade para com os outros e confiar no Senhor, mesmo em face a provações, pode ser um desafio. Para ajudar-nos nessas ocasiões, podemos lembrar as palavras do Presidente Benson: “Que a sua mente se encha com a meta de se tornarem como o Senhor, e expulsarão os pensamentos depressivos, quando ansiosamente buscarem conhecê-lo e fazer a sua vontade.” (A *Liahona*, março de 1987, “Não Se Desespere”, p. 7.)

É necessário muita fé para perseverar até o fim e confiar no Senhor, apesar das dores, do desânimo, sofrimento ou perseguição. Podemos, no entanto, aprender muito com as palavras de Alma: “Se aplicares a tua esperança em Deus serás libertado de tuas provações, dissabores e aflições, e serás elevado no último dia.” (Alma 38:5.) □

IDÉIAS PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Debata como o sofrimento pode tornar-nos mais humildes, ajudando-nos a ser mais semelhantes a Cristo.

2. Talvez vocês ou a irmã que visitam desejem partilhar uma experiência na qual tenham sentido que cresceram espiritualmente, graças a uma provação em particular.

(Ver *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 138, 143 e 173-174 para matéria relacionada.)



ARR

O SIGNIFICADO DO ARREPENDIMENTO

ÉLDER THEODORE M. BURTON

DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA

Os princípios mais básicos do evangelho são, às vezes, aqueles menos compreendidos. Um dos princípios mais fundamentais no evangelho é o do arrependimento.

O arrependimento é necessário para o desenvolvimento e crescimento pessoal. É um princípio tão básico para o evangelho, que o Senhor salienta a sua importância repetidamente nas escrituras.

EPENDIMENTO

Em Doutrina e Convênios, por exemplo, quando os primeiros santos eram chamados em missão, o Salvador freqüentemente repetia a admoestação:

“E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será *declarar arrependimento a este povo*, a fim de que possas trazer almas a mim e descansar *com elas* no reino do meu Pai.” (Ver D&C 15:6; 16:6; grifo nosso.)

Estas revelações não foram dadas tão somente àqueles a quem foram dirigidas, mas também a nós. Elas nos ajudam a compreender que a coisa de maior valor para nós é declarar arrependimento aos outros e praticá-lo em nossa própria vida.

DE VOLTA AO PAI

Afinal, o que é o arrependimento? Na verdade, de certa forma é mais fácil compreender o que o arrependimento *não* é, do que o que é.

Como Autoridade Geral tenho preparado informações para a Primeira Presidência usar ao examinar pedidos para a readmissão de transgressores arrependidos na Igreja, e para a restauração do sacerdócio e das bênçãos do templo. Muitas vezes o bispo escreve: “Sinto que ele já sofreu o suficiente!” O sofrimento, porém, não é arrependimento. O sofrimento vem pela *falta* de completo arrependimento. Um presidente de estaca poderá escrever: “Sinto que ele já foi suficientemente punido!” A punição, porém, não é arrependimento. A punição segue a desobediência e *precede* o arrependimento. O marido pode escrever: “Minha esposa já confessou tudo!” A confissão, no entanto, não é arrependimento. A confissão é uma admissão de culpa, que ocorre quando se inicia o arrependimento. A esposa escreve: “Meu marido está cheio de remorso!” Mas o remorso não é arrependimento. O remorso e a tristeza

continuam porque a pessoa ainda *não* se arrependeu completamente. O sofrimento, a punição, a confissão, o remorso e a tristeza podem, às vezes, acompanhar o arrependimento, mas não são o arrependimento. O que é, então, o arrependimento?

Para encontrarmos a resposta a esta pergunta devemos dirigir-nos ao Velho Testamento. O Velho Testamento foi originalmente escrito em hebraico, e a palavra nele usada para fazer referência ao conceito do arrependimento é *shub*. *Shub* significa “sair de”.

A mensagem do Velho Testamento é *shub*, ou sair da transgressão e voltar para um Pai Celeste bondoso — deixar a infelicidade, a tristeza, o remorso e o desespero para trás e voltar para a família de nosso Pai. Nela podemos encontrar felicidade, alegria e aceitação entre seus outros filhos.

Os profetas, um após outro, escrevem sobre *shub*, para dar-nos a certeza de que, se estamos verdadeiramente arrependidos e deixamos o pecado de lado, podemos ser recebidos com alegria e regozijo. O Velho Testamento ensina repetidamente que devemos voltar as costas ao mal e fazer aquilo que é nobre e bom. Isto significa que, não somente devemos mudar nossos caminhos, mas também nossos próprios pensamentos, que controlam nossas ações.

Shub é um conceito também encontrado no Novo Testamento, que foi escrito em grego. Os escritores gregos usaram a palavra grega *metanoeo* ao se referirem ao arrependimento. *Metanoeo* significa uma mudança de mente, pensamento ou modo de pensar, tão poderosa, que transforma completamente o próprio modo de vida. Acho que a palavra grega *metanoeo* é um excelente sinônimo para a palavra hebraica *shub*. Ambas significam mudar completamente ou deixar o mal e voltar a Deus e à retidão.

Surgiu confusão, entretanto, quando o Novo

UMA BELA

O ARREPENDIMENTO NÃO SIGNIFICA QUE A

PESSOA TEM QUE SER PUNIDA, MAS QUE DEVE

MUDAR DE VIDA, DE MODO QUE DEUS POSSA

AJUDÁ-LA A ESCAPAR DA PUNIÇÃO ETERNA.

Testamento foi traduzido do grego para o latim. Foi feita então uma escolha infeliz na tradução; o vocábulo grego *metanoeo* foi traduzido para o latim como *poenitere*, palavra esta relacionada aos termos punição, penalidade, penitência e arrependimento. O belo significado das palavras *shub* e *metanoeo* foi, conseqüentemente, mudado no latim, para um significado que envolve dor, punição, açoite, corte, mutilação, desfiguração, fome ou mesmo tortura! Não é de se admirar, portanto, que as pessoas tenham chegado a temer e até a sentir horror diante da palavra *arrependimento*, que passaram a compreender com o significado de punição repetida ou interminável.

ESCAPAR DA PUNIÇÃO ETERNA

O arrependimento não significa que a pessoa tem que ser punida, mas que deve mudar de vida, de modo que Deus possa ajudá-la a escapar da punição eterna e entrar no seu descanso com alegria e regozijo. Com este entendimento, a palavra *arrependimento* passa a ser bem-vinda e apreciada em nosso vocabulário religioso, ao invés de ser um termo que cria ansiedade e temor.

Podemos ganhar conhecimento adicional sobre o significado do arrependimento com o trigésimo-terceiro capítulo de Ezequiel, onde lemos: "Restituindo esse ímpio o penhor, pagando o furtado, andando nos estatutos da vida, e não praticando iniquidade, certamente viverá, não morrerá." (Versículo 15.)

Analisemos estes três passos do arrependimento. O primeiro é o compromisso de "restituir o penhor". Este é o passo mais difícil no processo todo. O que significa "restituir o penhor"?

Restituir o penhor é renovar nosso convênio com o Senhor. Devemos esquecer todas as desculpas e reconhecer completa e exatamente o que fizemos. Não

devemos dizer: "Se eu não estivesse tão zangado", "se meus pais tivessem sido mais severos", "se o bispo tivesse sido mais compreensivo", "se meus professores tivessem me ensinado melhor", "se não estivesse tão escuro!" As desculpas são inúmeras, mas, no final, nenhuma delas é de muita importância.

COMPROMETIMENTO TOTAL

Para nos arrependermos verdadeiramente, precisamos esquecer todas essas racionalizações. Devemos ajoelhar-nos diante de Deus e sincera e honestamente admitir que o que fizemos estava errado. Ao mesmo tempo, abrimos nosso coração ao Pai Celestial e assumimos o compromisso de nos dedicarmos a ele.

Quando assumimos o *compromisso* de nos dedicarmos a Deus, e de realmente mudar nossa vida — tendo *intenção* de fazê-lo — damos início ao arrependimento. O grande compromisso do Salvador com seu Pai é melhor exemplificado pela terrível prova no Jardim do Getsêmani, onde sofreu em agonia de espírito e derramou grandes gotas de sangue.

Antes desta experiência ele sempre se havia comunicado livremente com seu Pai Eterno, mas naquele momento foi deixado só, para carregar o fardo dos pecados do mundo. Foi como se os céus se houvessem fechado sobre sua cabeça e Deus não mais o ouvisse.

Ao debater-se em oração e sofrer horivelmente com a tensão, ele pediu que o cálice lhe fosse tirado e que outro caminho fosse encontrado. É bem verdade que acrescentou as palavras, "Seja feita a tua vontade", mas não houve resposta para o seu pedido e sua alma continuou cheia de angústia.

Três vezes ele rogou misericórdia, e todas as três

PALAVRA

COMO FILHOS DE DEUS, PRECISAMOS

COMPREENDER O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO

ARREPENDIMENTO. PRECISAMOS SABER QUE ELE

É UMA BELA PALAVRA E UM REFÚGIO MARAVILHOSO.

vezes não obteve resposta. (Ver Mateus 26:36-44.)

Cristo, no entanto, havia-se comprometido completamente a fazer o que lhe fora designado. Como estava *disposto* a fazê-lo, seguiu em frente! Embora tenha sofrido tremendamente, havia tomado uma decisão e se comprometido a ser obediente em tudo, custasse o que custasse.

ESPECIFICAÇÃO DA LEI

Nossos esforços para nos arrependermos também poderão custar-nos agonia mental e corporal, mas nosso compromisso diante do Pai Celeste de fazer sua vontade, torná-los-ão possíveis e suportáveis. Ao nos arrependermos devemos lembrar que o Senhor não nos pune por nossos pecados; ele simplesmente retém as bênçãos. Nós punimos a nós mesmos. As escrituras nos dizem repetidamente que os iníquos são punidos pelos iníquos. Uma ilustração simples pode demonstrar como isto é feito.

Suponhamos que minha mãe me tenha dito que não tocasse no fogão quente, pois eu poderia me queimar. Ela estaria tão somente especificando a lei. Suponhamos agora que eu esquecesse ou, deliberadamente, tocasse o fogão quente. Eu me queimaria. Eu poderia chorar e me queixar da dor, mas quem seria responsável pelo ferimento que recebi? Minha mãe não o seria. Tampouco o fogão! *Eu* seria o responsável. Eu puni a mim mesmo.

Esta ilustração, entretanto, ignora o importante elemento da misericórdia, que tentarei esclarecer debatendo o segundo passo do processo do arrependimento — devolução, ou “pagar o furtado” (Ezequiel 33:15). Se roubamos dinheiro ou bens, podemos, eventualmente, devolvê-los, mesmo que a quantia seja grande. Mas, se roubarmos nossa

própria virtude? Será que existe *alguma coisa* que possamos fazer, por nós mesmos, que a devolva? Mesmo que ofereçamos nossa própria vida, não podemos restaurar nossa virtude. Será que isso significa que é inútil tentarmos a restituição por meio de boas obras? Ou será que significa que nosso pecado é imperdoável? Não!

Jesus Cristo pagou por nossos pecados e assim satisfaz a justiça. Ele, portanto, nos estenderá sua misericórdia — se nos arrependermos. O arrependimento verdadeiro de nossa parte, incluindo mudança em nosso estilo de vida, capacita Cristo, através da misericórdia, a perdoar nossos pecados.

Quanto mais sério for o pecado, maior será o esforço requerido; se, porém, labutarmos diariamente para nos voltarmos por completo para o Senhor, poderemos permanecer sem mancha diante do Salvador. A chave é permitir que o Salvador complete a cura sem reabrir a ferida. Assim como leva tempo para uma ferida corporal cicatrizar, leva tempo para cicatrizar uma ferida espiritual.

Se eu me cortar, por exemplo, o corte sarará gradualmente. Enquanto sara, porém, pode produzir coceira; coçando-o posso reabrir a ferida, que levará mais tempo para sarar. Corro, no entanto, um grande perigo. Coçando a ferida, posso infeccioná-la com os germes dos meus dedos. Posso envenená-la e perder aquela parte do meu corpo ou até mesmo a vida! Devemos dar tempo para que nossos ferimentos físicos saiam. Se eles forem sérios, devemos consultar um médico que nos preste ajuda especializada. O mesmo acontece com as injúrias sofridas pela alma. Deveis permitir que elas saiam sem “infeccioná-las” com remorsos vãos. Se a transgressão requer confissão eclesiástica, ide ao bispo e procurai obter ajuda espiritual. Talvez doa quando ele der os pontos

UM REFÚGIO M

necessários e desinfetar a ferida, mas, dessa forma, ela será curada sem problemas.

PENSAMENTOS POSITIVOS E DIGNOS

Ao passardes pelo processo de arrependimento, sede pacientes. Sede ativos, com atos e pensamentos positivos e dignos, para que possais tornar-vos felizes e produtivos de novo.

Enquanto voltarmos nossos pensamentos para o pecado ou para o mal, e nos recusarmos a perdoar a nós mesmos, é provável que retornemos aos nossos pecados. Mas se virarmos as costas aos nossos problemas e pecados e os deixarmos para trás, tanto em pensamento como em ação, poderemos concentrar-nos em coisas boas e positivas. Ao nos envolvermos inteiramente em causas edificantes, o pecado não mais será para nós uma grande tentação.

Passamos agora ao terceiro passo do arrependimento — abandonar o pecado ou esforçar-se para andar “nos estatutos da vida... não praticando iniquidade.” (Ezequiel 33:15.) Temos que abandonar nossos pecados, um por um. Se fizermos isto, o Senhor nos promete: “De todos (todos, sem exceção) os seus pecados com que pecou não se fará memória contra ele: juízo e justiça fez, certamente viverá.” (Ezequiel 33:16.)

O Salvador disse ao Profeta Joseph Smith, em nossos dias: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.”

Como sabemos se um homem ou mulher se arrependeu de seus pecados? O Senhor responde a essa pergunta no versículo seguinte: “Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará.”

(D&C 58:42-43.)

Naturalmente, a confissão que precede o arrependimento de pecados graves deve ser feito a um bispo ou presidente de estaca com autoridade para ouvi-la. Deve-se procurar o perdão das pessoas afetadas pela transgressão. Contudo, confissões de culpa ou pedidos de perdão não devem ser feitos em público, a menos que um pecado público tenha sido cometido. O arrependimento de pecados graves exige tempo e esforço. Seja a transgressão pequena ou grande, o passo final do arrependimento — renunciar ao pecado e voltar-se para o Pai Celestial — significa que não repetiremos a transgressão.

Como deveríamos ser agradecidos por termos um Salvador bom, sábio e amoroso, que nos ajudará a sobrepujar nossas faltas, nossos erros e nossos pecados. Ele nos ama e compreende, e é complacente com o fato de nos defrontarmos com tentações.

O Rei Benjamim, no Livro de Mórmon, explica de que modo podemos demonstrar gratidão ao Senhor por sua grande misericórdia e pelo sacrifício que fez por nossos pecados: “Mas eis que vos digo estas coisas para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.) A obra e a glória de Deus é redimir seus filhos. Se participarmos da obra de redenção de outras pessoas, poderemos, de alguma forma, embora pequena, pagar as bênçãos recebidas.

Deus é misericordioso; ele providenciou uma forma de nos arrependermos, escapando assim das cadeias da dor, sofrimento, tristeza e desespero, advindos da desobediência. Como filhos e filhas de Deus, precisamos compreender o verdadeiro significado do arrependimento. Precisamos saber que ele é uma bela palavra e um refúgio maravilhoso. □

AVOLTA

A pedido do autor, não publicamos seu nome.

“A única coisa que eu tinha para oferecer a meu pai no dia do seu aniversário, era a notícia de que eu havia sido excomungado da Igreja.”

Há pouco tempo, ao preparar uma lição sobre o sacerdócio e suas ordenanças, pensei nas muitas vezes em que havia ouvido uma lição semelhante. Como desejava adicionar à lição algo que fosse útil aos meus companheiros de quorum, decidi contar-lhes como me senti ao perder o sacerdócio e lutar para recebê-lo de volta.

Eu queria que compreendessem que é um erro sério acreditar que, para ganharmos experiência, nós mesmos precisamos experimentar de tudo. Desejava ajudá-los a entender que é muito melhor *nunca* ter que pagar o preço terrível que eu paguei.

Quando jovem cometi um pecado grave, um pecado que eu sabia que resultaria em excomunhão, tão certo quanto sabia que o sol haveria de nascer no dia seguinte. Eu, porém, havia convencido a mim mesmo que preço algum era muito alto para pagar pelo “verdadeiro amor”, e tinha certeza de que esse amor haveria de justificar-me, no final.

Não tive dúvidas, mais tarde, que teria que procurar meu líder no sacerdócio e contar-lhe o pesado segredo que pesava em minha consciência e em minha alma. Como já esperava, esse bom homem imediatamente tomou os passos necessários para excomungar-me da Igreja. Ele o fez com todo o amor e compaixão de uma pessoa gentil e compreensiva, que sabia o que tinha que ser feito.

A realidade e a dor da excomunhão não me atingiram a não ser depois que voltei para casa com a notícia. Taciturno, procurei as palavras certas para contar a meu pai, que a única coisa que tinha para dar-lhe no dia do seu aniversário era a notícia de que eu havia sido excomungado da Igreja que ele havia amado e servido tão fielmente durante toda a vida.

O tempo pareceu parar para mim nos próximos meses; parecia que minha vida era um contínuo pesadelo. Ninguém parecia entender minha situação. Não havia uma organização ou grupo para me apoiar ou oferecer compreensão. Minha vida perdeu toda a direção e significado. Senti-me cansado demais para me importar, como um navio a vagar, sem velas, leme ou âncora. Como eu havia perdido de vista todas as minhas metas anteriores, meus sentimentos ficaram quase que totalmente amortecidos.

Depois de passar algum tempo em casa, reencontrei a namoradinha de minha infância e começamos a sair juntos. Meses mais tarde nos casamos, mas tivemos um namoro muito agitado. Como eu não possuía mais o sacerdócio, não pudemos entrar no templo para nos casar; portanto, nos conformamos com um casamento civil. Desde o início nosso relacionamento foi instável.

Compreendi que, como parte do processo de arrependimento que me havia comprometido a seguir, era necessário que eu ficasse ativo na Igreja; mas achei esta experiência extremamente dolorosa. Vez após outra eu lembrava minha condição. Muitas vezes amigos que não estavam sabendo da situação me chamavam para proferir uma oração ou responder a alguma pergunta sobre a lição, e eu sabia que a única coisa que me era permitido dizer era: “Sinto muito — não posso.” Eu era lembrado de muitas formas de minha séria transgressão.

Embora essas situações, e muitas outras, fossem dolorosas, consegui suportá-las todas, menos uma.

Senti-me tão só, não podendo participar daquela ordenança.



Todas as semanas, quando o sacramento era abençoado e distribuído, interiormente eu me lamentava, chorava e orava, mas, por causa da transgressão e excomunhão, não podia selar o santo contrato batismal, participando do sacramento. Eu havia quebrado minha parte do contrato, e desejava ansiosamente voltar a ser um com o Senhor e livrar-me da culpa enorme que sobre mim pesava.

Anos antes eu havia experimentado os poderes de Satanás e seus seguidores. Agora percebia, com grande clareza, o poder divino contido no exercício justo do sacerdócio. Eu já não podia exercer esse poder para afastar as más influências. Nos meses seguintes, pedi a meu pai muitas vezes que fosse abençoar-me, a mim e à minha casa, e que afastasse a escuridão.

Mais tarde, minha mulher deu à luz nosso primeiro filho. Esse foi um fato decisivo em nossa vida. Como me senti solitário ao observar meu filho ser abençoado sem que eu pudesse falar ou participar daquela ordenança tão especial. Senti também que a criança significava um grande fardo financeiro, e que isso me aborrecia. Tornei-me irritadiço e comecei a acusar a Deus por adicionar à minha vida mais provações do que eu podia suportar. Retirei-me completamente da Igreja e da luz do evangelho.

Os anos seguintes foram de miséria total. À medida que outros filhos chegavam, eram abençoados pelo avô. Recusando-me a deixar que isso me ferisse tanto, tornei-me amortecido por dentro. Já ia longe o desejo de voltar à Igreja — pelo menos é o que eu dizia. Gradualmente escorreguei ainda mais no pecado, cada vez gritando com mais força ao Senhor e a minha família: “Estão vendo! Eu não preciso da Igreja!” Quanto mais alto gritava, mais sabia que estava errado. Eu me gloriava em público pela desgraça e dor que estava infligindo a minha família, esperando que isto me justificasse e desse fim aos meus sentimentos de

culpa. No decorrer de tudo, lá dentro do meu coração, eu sabia a verdade. Talvez fosse por isso que lutava tanto. Quanto mais culpado me sentia, mais profundamente me envolvia em atos pecaminosos. Eu estava sempre tentando mostrar ao mundo que era dono do meu nariz, e não precisava de mais ninguém.

Chegou o dia em que, completamente desgastada pelos conflitos internos, minha mulher não teve outra escolha a não ser me deixar. Isto me fez feliz. Eu estava livre, finalmente! As duas semanas seguintes foram as mais solitárias de minha vida. Eu não possuía outros amigos verdadeiros e não desejava procurar conforto com meus pais.

Finalmente reconheci que minha família significava mais para mim do que qualquer outra coisa. Como desejei que minha mulher voltasse! Embora ainda tivéssemos muitos problemas a resolver, concordamos em voltar a viver juntos. Comecei a me afastar de associações e situações que me levassem ao pecado, mas ainda não possuía o desejo real de retornar à Igreja — esse desejo só voltou aos poucos.

Quando nasceu minha primeira filha, compreendi que tinha que tomar uma decisão. Com três filhos eu sabia que já não podia continuar vivendo só para o presente; tinha que fazer uma escolha e viver de acordo com ela. Durante meses minha alma ficou em conflito. Eu queria escolher o que era certo, mas também desejava estar certo de que minha escolha não se baseava em motivos ulteriores. Senti que não podia voltar só para tornar minha esposa, filhos e pais felizes. Sabia que a felicidade real para todos nós só seria alcançada se eu voltasse a ganhar um testemunho próprio.

Depois de muita oração, estudo e esforço, comecei a sentir que o Salvador ainda me amava, embora eu houvesse sido excomungado. Havia esperança para mim! Eu começava a viver de novo!

No entanto, o conhecimento de que estava no caminho certo não tornou as coisas mais fáceis; aliás, durante algum tempo pareceu-me que, quanto mais eu me esforçava, pior era. Passei por muitos testes e dificuldades. Parecia-me que quando estava prestes a receber uma bênção, minha vida começava a desmoronar novamente, e me sentia desesperar outra vez.

Mas fiquei firme e o Pai Celestial, fiel à sua promessa, derramou sobre mim sua bênção. Depois de muito esforço, e da ajuda e apoio de amigos e líderes da

Igreja, consegui reentrar nas águas do batismo. Que alegria senti!

Mas as provações não pararam por aí. Nos próximos dezoito meses me esforcei bastante para me preparar para receber o sacerdócio. O desejo de restituição havia voltado com toda a força. Senti-me feliz por voltar a ser membro, mas desejava ardentemente uma associação completa. Minha luta só terminou quando recebi um chamado de uma Autoridade Geral, pedindo-me que o fosse ver, juntamente com minha família. Foi com grande expectativa, temor e alegria que eu e minha família comparecemos àquela entrevista. As crianças estavam alvoroçadas, porque iam conhecer um apóstolo do Senhor, e eu me sentia emocionado com a certeza de ser capaz de abençoar o filho que minha mulher estava esperando.

Depois de uma entrevista minuciosa e carinhosa, aquele bom homem de Deus pediu à minha mulher que se reunisse a nós e, então, colocou as mãos sobre minha cabeça, fazendo de mim um homem completo. Ele “me restaurou àquilo que eu havia sido antes, com todos os direitos e poderes do sacerdócio”. Não conseguimos reter as lágrimas.

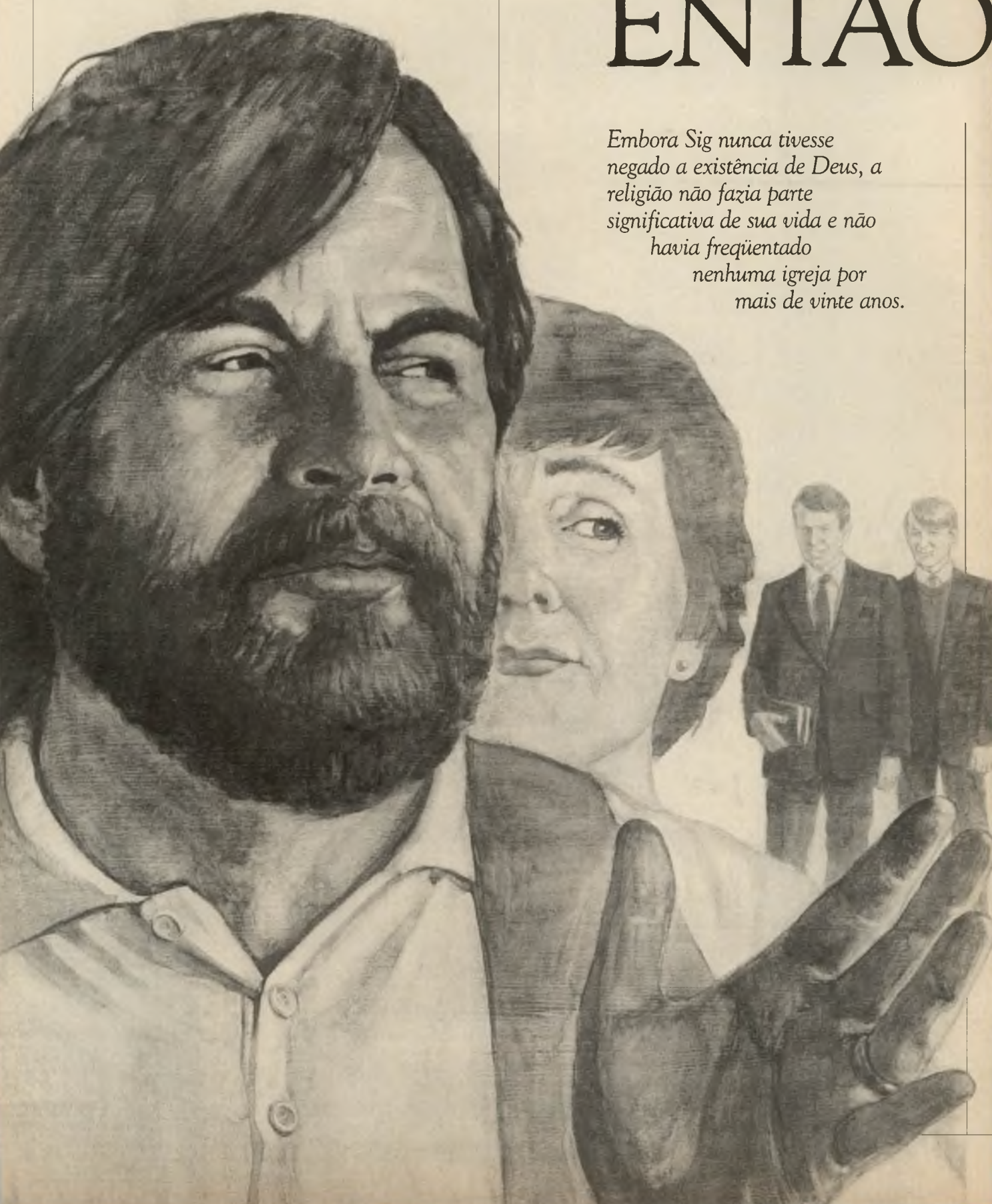
Depois o apóstolo se voltou para minha mulher e lhe perguntou se desejava receber uma bênção. Tendo ela dito que sim, ele me olhou e me disse que a única forma de *saber* se meu sacerdócio havia sido restaurado seria usá-lo. Pediu-me que abençoasse minha mulher e se ofereceu para ficar ao meu lado. Nos próximos minutos aprendi mais sobre o sacerdócio do que jamais conseguiria aprender com a leitura de muitos livros.

A batalha ainda não terminou. Desde então já tive que enfrentar alguns dos meus desafios mais severos; muitos outros ainda surgirão, mas sei agora que posso pedir ao Espírito Santo que me guie.

Pude abençoar minha segunda filha e tenho exercido o sacerdócio de muitas outras maneiras. Eu e minha mulher nos estamos preparando atualmente para um dos dias mais importantes de nossa vida — o dia em que levaremos nossos filhos, todos vestidos de branco, à sala sagrada do templo, para sermos selados para o tempo e toda a eternidade.

O que mais sinto foi haver rejeitado todas essas bênçãos anos atrás; foi terrível o preço que tive que pagar para obtê-las novamente. Sinto-me imensamente agradecido por estar de volta, mas, ó, como teria sido muito mais sábio se eu nunca me tivesse desviado do caminho certo. □





ENTÃO

*Embora Sig nunca tivesse
negado a existência de Deus, a
religião não fazia parte
significativa de sua vida e não
havia freqüentado
nenhuma igreja por
mais de vinte anos.*

EU ACREDITAVA,

S Don L. Searle

Sigifredo Verano provavelmente não impressionou os missionários que primeiramente o visitaram, na Califórnia, como um bom contacto. Usava barba e cabelos compridos, no estilo de alguns dos rebeldes do início dos anos 70. Trabalhava tempo integral para sustentar a família e depois passava, todos os dias, diversas horas estudando, na tentativa de se educar para obter um emprego melhor. Não havia muito tempo de sobra para ouvir as palestras.

A maioria de seus colegas de trabalho eram ateus ou agnósticos, e o próprio Sigifredo havia quase vinte anos não ia regularmente a igreja alguma.

Quando os missionários ficaram conhecendo Ana Lúcia, mulher de Sig, ela lhes disse que eram bem-vindos e que podiam voltar para conversar com seu marido, se conseguissem encontrá-lo com algum tempo livre. Depois de várias visitas breves, Sig finalmente replicou: "Está bem, ensinem-me e vamos acabar com isso de uma vez por todas."

Foi graças ao amor e dedicação de diversos missionários, e devido à fé possuída pelos filhos da família Verano, que Sig e Ana finalmente aceitaram a Igreja; mas foi graças à sua própria diligência e obediência que conseguiram solidificar seu testemunho.

Sig Verano emigrou de seu país nativo, Colômbia, na América do Sul, para a Califórnia, em 1963. Ana, a jovem que começava a amar, ficou temporariamente em seu país, enquanto ele se preparava para ganhar

seu sustento, e possivelmente o de uma família, numa nova nação.

Na Colômbia ele tivera apenas três anos de estudo e quase não falava inglês. Em Los Angeles, Califórnia, seu primeiro trabalho foi fazer chapéus, ganhando salário mínimo, e ele começou, portanto, a procurar nos anúncios de jornal algo que pagasse mais. Achou um curso de treinamento para "machinist" (mecânico). O salário parecia bom e, em sua terra natal, um *maquinista* — pessoa que conduz locomotivas — tinha emprego efetivo; assim, ele se matriculou no curso.

Sig se saiu bem no curso, mas começou, depois de algum tempo, a perguntar quando é que iam trabalhar nas "máquinas grandes". Responderam-lhe que tivesse paciência. Isso viria só depois do treinamento. No final do curso ele ainda não tinha visto uma locomotiva. Certo dia, perguntou a um colega que distâncias teriam que viajar em seus futuros empregos. "E o que é que viagem tem a ver com este trabalho?" replicou o colega. Depois de muita confusão, Sig finalmente perguntou, exasperado: "Será que você pode fazer o favor de me dizer o que é que estamos aprendendo, afinal de contas?"

Mas o novo emprego de Sig foi o suficiente para prover o sustento dele e de Ana. Eles haviam continuado seu namoro por correspondência, e em 1964 casaram-se por procuração. Ela emigrou para os Estados Unidos em 1965. Edison, seu primeiro filho, nasceu em 1966, seguido de Julie em 1968 e Marbell em 1972.

MAS AGORA SEI

Sigifredo estudava constantemente, a fim de melhorar sua educação e sua situação econômica. “Nem bem terminava um curso ele começava outro”, diz Ana. Acabou tornando-se um mecânico especializado em automóveis, e seus serviços eram muito procurados.

Embora Sig nunca tivesse negado a existência de Deus nem cometido pecados graves, a religião não fazia parte significativa de sua vida. No entanto, não podia aceitar as filosofias de seus amigos ateus e agnósticos. Certa vez ele pressionou um deles com a pergunta: “Se

você resolvesse pertencer a uma igreja, qual delas seria?” O homem respondeu que se tornaria mórmon, e citou como motivo a bondade dos santos dos últimos dias.

De fato, foi o bom exemplo do único santo dos últimos dias que ele jamais conheceu — “um homem bom e exemplar” — que persuadiu Sig Verano a ouvir os missionários da Igreja na primeira vez em que foi contatado. O que eles ensinavam soou como verdadeiro a seus ouvidos. A Palavra de Sabedoria causou-lhe tanta impressão que o jovem mecânico desistiu do cigarro e da bebida alcoólica e começou a



orar por conta fácil freqüente-quebrado o receber as

Mas os filhos da Primária num dia levavam-ta tarde "Eu não Acho

própria. No entanto, não lhe foi tar a Igreja, pois há muito havia hábito de fazê-lo. Logo parou de palestras.

lhos da família Verano gostavam ria, que era então realizada da semana, à tarde. Sig ou Ana-nos de carro até a capela. Certo carro não quis funcionar. tenho culpa", disse-lhes Sig. que hoje vocês não poderão ir!"

De volta à casa, Edison, o filho de seis anos, não desistiu. "Vamos orar", rogou o menino. A família se ajoelhou em oração e voltou para o carro. Para surpresa de Sig Verano, o carro funcionou de imediato.

Depois desta experiência, os Verano assistiram às reuniões durante algum tempo, mas acabaram desistindo, depois de algumas semanas. Nesse tempo, aconteceram diversas "coincidências" que ajudaram a conservar a Igreja em seus pensamentos. A sogra de Sig, vinda da Colômbia em visita, falou



favoravelmente sobre os jovens e bem-educados missionários americanos, cuja capela se situava perto da casa dela. Um velho marinheiro, amigo da Colômbia, então na marinha mercante, fez-lhes uma visita. Na hora do jantar perguntou se podia abençoar o alimento, e Sig Verano reconheceu, pela oração, ser ele santo dos últimos dias. O amigo, um converso que estudava as escrituras ardentemente durante suas longas viagens, prestou testemunho aos Verano, sem saber que haviam estado pesquisando a Igreja.

Sig Verano havia dito a uma dupla de missionários que eles podiam visitá-los como amigos, mas não como mestres. Antes de voltar para casa, no final de sua missão, um dos missionários parou, com seu companheiro, na casa dos Verano, para fazer-lhes uma visita e convidá-los a conhecer seus pais, numa pequena reunião de despedida oferecida por amigos. Os Verano ficaram tão impressionados com o carinho demonstrado pelos santos dos últimos dias que conheceram, que começaram a tomar as lições novamente.

Mas Ana Verano teimou em permanecer fiel às tradições da igreja de seus antepassados, ao compreender que seu marido pensava seriamente em entrar para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ela achava que não precisava ser batizada novamente. Por fim, chegaram a um acordo; como as crianças gostavam da Igreja, ele os levaria para as reuniões depois do seu batismo e ela continuaria a frequentar sua igreja.

Mas, durante a semana precedente ao batismo de Sig, Ana passou repetidamente a sonhar com o batismo do Salvador no Rio Jordão, realizado por João Batista. Ela concluiu que isto era indicação, dirigida exclusivamente a ela, do que devia fazer.

Sigifredo e Ana foram batizados em janeiro de 1974. Seu filho, Edison, foi batizado mais tarde, no mesmo ano, depois de haver completado oito anos.

Entretanto, a luta dos Verano para se tornarem membros fiéis ainda não havia terminado; tampouco havia terminado a obra de amor e solidariedade dos outros para com eles.

George Baker, um bom mestre familiar, ajudou-os a se conservarem ativos na Igreja, relembra Irmão Verano. Não acostumado a assistir a reuniões de igreja três vezes por dia, a começar com o sacerdócio às sete da manhã, Irmão Verano estava pronto para desistir. As reuniões matinais lhe eram difíceis, pois ele então trabalhava da meia-noite às seis da manhã; mas o Irmão Baker, como não podia fazê-lo ele mesmo, arranjou alguém para ir buscar os Verano de carro e levá-los para as reuniões da ala, fazendo com que se conservassem ativos.

À medida que assistiam fielmente às reuniões e obedeciam aos princípios do evangelho, sua espiritualidade crescia.

Sig foi chamado como presidente do ramo de língua hispânica da estaca, criado em 1978; cinco anos mais tarde, quando o ramo se tornou ala, foi chamado como bispo.

A criação desse ramo foi uma bênção para Ana Verano. Como falava muito pouco o inglês, era-lhe difícil participar na ala à qual pertencia. No ramo de língua hispânica ela podia exercer cargos e crescer juntamente com o marido.

“Meu testemunho cresceu realmente através do trabalho na Igreja”, diz Irmão Verano. “O serviço constante é uma das coisas que fortalecem nosso testemunho.”

A primeira ala de língua hispânica de sua estaca foi dividida logo depois de sua criação, e Sig foi chamado para o sumo conselho. Ele agora serve como secretário executivo da estaca para as três alas de língua hispânica, na Estaca Los Angeles California North Hollywood. Ana serve no programa de extração de nomes da língua inglesa.

Entre os cursos vocacionais que Sig Verano completou na longa série de estudos que fez, encontra-se um de venda de imóveis, que o levou a uma nova e rendosa carreira e ao posterior fortalecimento do seu testemunho.

Sua carreira como vendedor não começou muito bem. Ele foi despedido depois de apenas uma semana, tão logo o proprietário da agência descobriu a religião de seu novo vendedor, quando o Irmão Verano se recusou a trabalhar no domingo.

“O evangelho é tão importante em nossa vida que o domingo parece vazio se não podemos ir às reuniões”, explica ele. Mas o dono da companhia imobiliária declarou que os mórmons despendem muito tempo no serviço da Igreja, o que os impede de serem bem sucedidos. Ele aconselhou Sig Verano a trabalhar para uma agência pequena, onde o dono não se importasse tanto com sucesso.

Irmão Verano recebeu a demissão como um desafio. Encontrou um emprego numa agência maior e, trabalhando somente meio expediente, em 1979, foi seu melhor vendedor. Ele sempre se recusou a trabalhar aos domingos; como presidente de ramo e bispo, também devotava parte do sábado ao serviço na Igreja. No entanto, durante anos tem estado entre os cinco melhores vendedores da companhia.

Irmão Verano declara humildemente que, no serviço da Igreja, adquiriu conhecimento de que o Senhor vive, que por meio dele podemos ser redimidos, e que ele colocou profetas na terra para ajudar a guiar-nos. Aqueles que, apenas experimentalmente acreditam que o evangelho é verdadeiro, podem chegar a ter certeza de sua autenticidade, assim como Irmão Verano — testando-o pela obediência e pelo serviço ao próximo.

“Quando me batizei na Igreja, eu acreditava, mas agora sei”, reflete Sig. □

Anos atrás fui, pela primeira vez, ao Tabernáculo da Cidade do Lago Salgado, assistir a uma conferência geral da Igreja. Fiquei admirada com o tamanho do edifício, mas, mais maravilhada ainda fiquei com a presença inspiradora das Autoridades Gerais que lá estavam reunidas.

Em minha infância, muitos dos Irmãos haviam visitado nosso pequeno ramo, em Montana. Não tínhamos televisão nem podíamos ouvir a conferência no rádio. Conseqüentemente, esperávamos ansiosos a visita de cada Autoridade Geral, considerando-a uma bênção especial. Parecia-me que esses homens possuíam poder e fé superiores aos de qualquer outro mortal.

E então, naquele dia de abril, há muitos anos, descobri uma das

ORE POR PAPAI

Elaine S. McKay

fontes dessa força possuída pelas Autoridades Gerais.

Eu estava assistindo a uma conferência junto com seis filhos do Élder Ezra Taft Benson; uma das filhas dele era minha colega de universidade. Meu interesse cresceu quando o Presidente David O.

*Observei que o recado ia de
pessoa em pessoa, até chegar
onde Irmã Benson estava
sentada.*

McKay anunciou que ele seria o próximo orador. Observei respeitosamente Élder Benson, a quem eu ainda não conhecia, andar em direção ao microfone. Ele era um homem grande, com mais de 1,80 m de altura.

Internacionalmente conhecido como Secretário (Ministro) da Agricultura dos Estados Unidos e testemunha especial do Senhor, era um homem seguro e de aparência calma, que já havia discursado para todo tipo de audiência, em todo o mundo. Subitamente fui tocada no braço por alguém. Uma das filhas mais jovens de Élder Benson se debruçou em minha direção e sussurrou ansiosa: "Ore por papai".

Pensei, bastante surpresa: "Esta mensagem está sendo passada nesta fileira, e devo passá-la adiante. Será que devo dizer: "Ore pelo Élder Benson?" Ou direi: "É para você



orar por seu pai?" Sentindo que havia necessidade de ação imediata, voltei-me para a pessoa ao meu lado e sussurrei simplesmente: "Ore por papai."

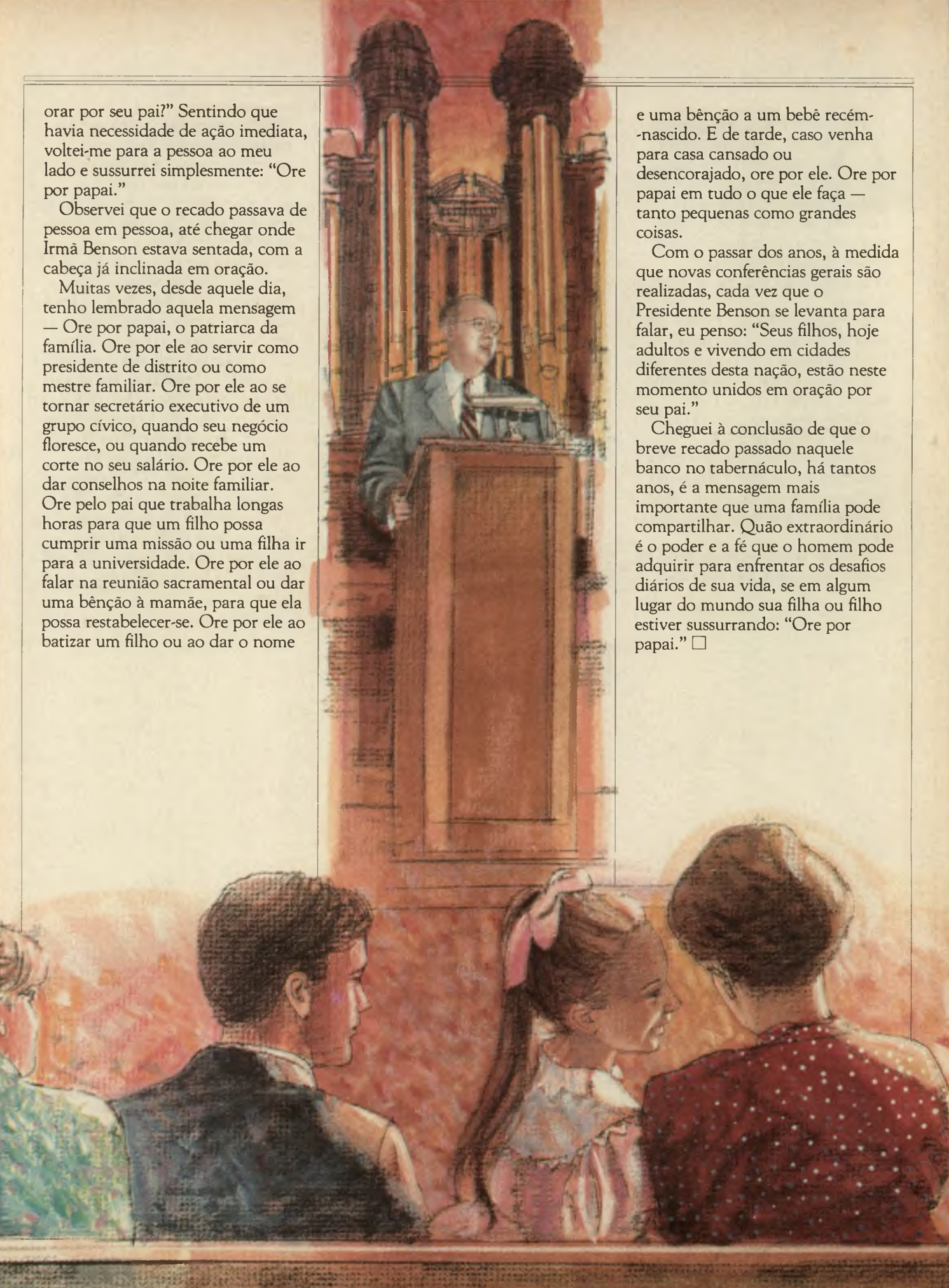
Observei que o recado passava de pessoa em pessoa, até chegar onde Irmã Benson estava sentada, com a cabeça já inclinada em oração.

Muitas vezes, desde aquele dia, tenho lembrado aquela mensagem — Ore por papai, o patriarca da família. Ore por ele ao servir como presidente de distrito ou como mestre familiar. Ore por ele ao se tornar secretário executivo de um grupo cívico, quando seu negócio floresce, ou quando recebe um corte no seu salário. Ore por ele ao dar conselhos na noite familiar. Ore pelo pai que trabalha longas horas para que um filho possa cumprir uma missão ou uma filha ir para a universidade. Ore por ele ao falar na reunião sacramental ou dar uma bênção à mamãe, para que ela possa restabelecer-se. Ore por ele ao batizar um filho ou ao dar o nome

e uma bênção a um bebê recém-nascido. E de tarde, caso venha para casa cansado ou desencorajado, ore por ele. Ore por papai em tudo o que ele faça — tanto pequenas como grandes coisas.

Com o passar dos anos, à medida que novas conferências gerais são realizadas, cada vez que o Presidente Benson se levanta para falar, eu penso: "Seus filhos, hoje adultos e vivendo em cidades diferentes desta nação, estão neste momento unidos em oração por seu pai."

Cheguei à conclusão de que o breve recado passado naquele banco no tabernáculo, há tantos anos, é a mensagem mais importante que uma família pode compartilhar. Quão extraordinário é o poder e a fé que o homem pode adquirir para enfrentar os desafios diários de sua vida, se em algum lugar do mundo sua filha ou filho estiver sussurrando: "Ore por papai." □





A MÚSICA FOI O MISSIONÁRIO

Marjorie P. Hinckley

Numa bela manhã de domingo, no outono de 1841, meu bisavô, William Minshall Evans, então com dezesseis anos de idade, estava andando pelas ruas de Liverpool, Inglaterra, a caminho da igreja. De repente, ele ouviu um canto que o emocionou mais do que qualquer coisa que até então ouvira. Seguiu o som, descendo um beco e subindo alguns degraus precários, e entrou numa sala onde se achavam congregadas algumas pessoas. John Taylor, que posteriormente se tornaria presidente da Igreja, e dono de

JESUS ME OUVE

uma bela voz de tenor, era o cantor. A música era tão bonita que William ficou para ouvir o sermão.

Ao voltar para casa, William foi repreendido pelo irmão mais velho, David, por estar ausente de seu costumeiro lugar no coro. Quando lhe foi pedido que explicasse onde estivera, William respondeu: — Estive onde você deveria ter estado e não ficarei satisfeito até que vocês todos ouçam a verdade maravilhosa que ouvi esta manhã.

Não demorou muito para que William e David se convertessem ao evangelho e depois ajudassem a converter outros membros da família. Três dos irmãos e seus pais emigraram para Utah entre 1848 e 1850. A mãe de William morreu de cólera em Kanesville, Iowa. Seu marido ficou tão magoado que não teve vontade de continuar até Utah, e voltou para a Inglaterra.

Os rapazes passaram por todas as aflições e provações daqueles tempos pioneiros, mas permaneceram fiéis ao evangelho. William teve doze filhos e transmitiu uma grande herança para sua posteridade.

Sempre que canto os hinos da Igreja, recordo-me de que foi um hino que abriu a porta do evangelho para minha família e me possibilitou desfrutar de todas as bênçãos que vieram depois. □



Genealogista entusiasmada, Marjorie P. Hinckley é esposa do Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro na Primeira Presidência.

A Jean Ernstrom
cho que nunca esquecerei
aquela vez em que o
Espírito me foi manifestado, através
dos brilhantes olhos azuis de uma
menina deficiente de nove anos de
idade.

Heather é uma criança
inteligente, com um riso alegre e
um espírito determinado, num
corpo severamente prejudicado por
deficiências físicas. Mesmo as
atividades mais simples são muito
difíceis para ela.

Não podendo falar, envia
mensagens através dos olhos. Um
olhar direto significa *sim*, e uma
piscada significa *não*. Por meio de
uma série de perguntas, de olhares,
piscadelas, risos e expressões faciais,
Heather compartilha seu
entusiasmo e transmite alegria a
todos os que a rodeiam.

Como terapeuta e professora dela
por diversos anos, tenho sentido
muitas vezes que, para Heather, é
muito tênue o véu que separa os
céus da terra. Isto acontece com
frequência no caso de crianças
deficientes. Se Heather pudesse
falar, o que será que poderia
ensinar-me sobre as coisas do
Espírito?

Numa segunda-feira de manhã,
fui visitá-la e falamos sobre o fim-
de-semana anterior. Heather me
fez compreender que havia estado
na Primária; portanto, comecei a
cantar algumas canções dessa
organização. Um sorriso
atravessava-lhe o rosto sempre que
reconhecia uma canção. Cantei
minha canção favorita, "Imagino
Quando Ele Vai Voltar".
Perguntei-lhe depois se tinha
também um hino favorito. Seus
olhos imediatamente se focalizaram
nos meus e de repente me vi às
voltas com o desafio de tentar
descobrir qual era o hino que ela

mais gostava.

Através de uma série de
perguntas descobri que seu hino
favorito era um que ela ouvira na
Primária. Ela não sabia ao certo em
que hinário estava, mas sabia que
era sobre Jesus. Cantei todas as
canções que consegui lembrar, mas,
para meu desalento e para o
desapontamento de Heather, não
consegui encontrar a sua favorita.

Heather se recusou a desistir da
busca. Eu não sabia por quê, mas
ela precisava compartilhar comigo
seu hino favorito. Concordei,
finalmente, em levar meus hinários
da Primária para a escola no dia
seguinte e procurá-lo junto com ela.

Na terça-feira de manhã, Heather
me fez saber que estava
determinada a encontrar a canção
— naquele exato momento!
Procuramos nos hinários, mas não
consequimos encontrá-la. Ela
gostava de todas, mas nenhuma
delas era a canção. Desesperada,
disse-lhe que se sua mãe pudesse
encontrar a canção que estávamos
procurando, haveríamos de cantá-
la; caso contrário, teríamos que
viver com o fato de que não
hávamos conseguido encontrá-la.

No dia seguinte, Heather estava
mais determinada do que nunca a
encontrar sua canção. Enfiado na
sua cadeira de rodas estava um
hinário da Igreja. Sentei-me ao seu
lado e, página por página, fomos
folheando o livro. Cantei a
primeira frase de cada canção, mas
depois de cada uma, os olhos de
Heather se fechavam, com um *não*
categórico. Quando eu estava na
metade do livro, comecei a cantar
"Minha alma hoje tem a luz..."

Heather deu um pulo e sorriu,
como se alguém a tivesse cutucado
com um alfinete. Seus olhos
brilhantes olhavam diretamente
nos meus. Rimos juntas,

emocionadas com o término de
nossa busca de três dias. "Está bem,
agora podemos finalmente cantar
sua canção favorita", disse-lhe eu.
Enquanto eu cantava a primeira
estrofe ela continuou sorrindo, e,
quando comecei a parte do coro,
fez todos os esforços possíveis para
me acompanhar, com sons
ocasionais, semelhantes a um
suspiro. Quando terminei o coro
ela me olhou intensamente, como
se me dissesse: "Gostei dessa parte."
Senti-me tão agradecida por ter
encontrado a canção! Perguntei se
ela queria ouvir as outras estrofes e
ela respondeu com um *sim* bem
firme. Comecei novamente:
"Minha alma hoje cantos tem,
Em louvor do grande Rei,
E Jesus pode ouvir,
As canções que não posso cantar..."
(Tradução literal do inglês.)

A reação de Heather a estas
palavras foi tão forte que parei.
Olhei para ela e compreendi a
realidade e o significado do
momento. "Heather, é desta parte
da canção que você mais gosta?"
Perguntei. "É isto o que você quer
que eu saiba? Que Jesus está
escutando e que pode ouvir os
hinos que você não pode cantar?"
Ela levantou a cabeça e me olhou
direto nos olhos. O testemunho
havia sido prestado.

Sentindo-me guiada pelo
Espírito, perguntei: "Heather, Jesus
fala com você em sua mente e em
seu coração?" Seu olhar era
penetrante.

Conhecedora, então, do seu
relacionamento íntimo com o
Espírito, havia mais uma coisa que
eu desejava saber. Com reverente
antecipação, sussurrei: "Heather, o
que é que ele lhe diz?" Meu coração
começou a bater mais forte ao
visualizar o olhar luminoso que me
lançou, à espera de minhas

perguntas, para que pudesse compartilhar o que lhe ia na alma. Senti que o Senhor havia colocado as perguntas certas em minha mente e, respirando profundamente, prossegui. "Ele diz: Heather, eu te amo?" Seus olhos estavam radiantes ao confirmar a pergunta. Fiz uma pausa, engoli em seco e continuei: "Ele diz: Heather, você é especial?" Sim, foi a resposta de novo. Fiz nova pausa e, com um nó na garganta, perguntei: "Ele diz:

Heather, tenha paciência; tenho grandes coisas reservadas para você?"

Heather se aprumou e todas as fibras de seu ser pareciam eletrizadas, quando seus olhos penetraram em minha alma. Ela sabia que era amada. Ela sabia que era especial. Ela sabia que só precisava ser paciente, pois grandes coisas a esperavam.

O momento me pareceu sagrado demais para outras perguntas.

Abaixei-me e pressionei meu rosto contra o dela. Sem palavras, mas através das janelas luminosas de sua alma, a verdade havia transparecido.

Sim, Heather, Jesus pode ouvir. □

Jean Erstrom, patologista especializada em oratória e lingüística, é professora da Primária, na Ala Kaysville Twelfth, na Estaca Kaysville Utah Crestwood.



“Ó M E U P A I”

Alberdina Van den Hazel-Hogerman Quando criança, em Midwolda, nos Países-Baixos, aos domingos, eu percorria a pé o percurso até a igrejazinha evangélica de nossa vila. Meus pais não

freqüentavam igrejas, nem mesmo falavam de religião; mas eu gostava de ouvir as belas histórias sobre Jesus Cristo, contadas pelo ministro. Como eu amava a Deus! Não conseguia, porém,



compreender a descrição que o ministro fazia dele — tão grande que podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e tão pequeno que podia habitar em meu coração.

Não foi senão aos dezessete anos que ouvi uma canção, que me ajudou a entender a verdadeira natureza de nosso Pai Celestial. Tinha acabado de conhecer os missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e meu futuro marido havia-me acompanhado a uma reunião em Amersfoort, onde vivíamos. Foi lá que ouvi o hino “Ó Meu Pai”, cuja letra haveria de mudar minha vida:

Ó meu Pai, tu que habitas na real celeste mansão,
Quando verei a tua face, em tua santa habitação?
Tua morada sempre fora, de minh'alma doce lar?
E na minha alegre infância, pude a teu lado habitar?
(Hinos, n.º 98.)

Nunca esqueci o hino, nem o Pai amoroso que ele descrevia. No entanto, o pai do meu futuro marido nos pediu que parássemos de ver os missionários, e não nos batizamos.

Três anos mais tarde, porém, casados e morando em Rotterdam, reencontramos os missionários numa reunião de rua, e pedimos-lhes que nos ensinassem em nossa casa. Fomos batizados em setembro de 1928. A caminho de casa, depois do batismo, senti-me a pessoa mais feliz do mundo.

Nos anos que se seguiram, tivemos nossa quota de provas, mas todas as experiências pelas quais passamos nos mostraram a bondade do Pai Celestial e nos ensinaram que ele tem um cuidado especial por todos nós.

Quando nossa primeira filha estava com um ano de idade, ficou tão doente que os médicos nos deram pouca esperança de que viesse a sobreviver. Durante aquela época agonizante em que tínhamos que presenciar seu sofrimento, senti-me tão próxima de Deus, que quase podia tocá-lo. Possuíamos muita fé no sacerdócio, e nossa filha se recuperou, depois de haver recebido uma bênção.

Mesmo durante o horror da II Guerra Mundial nos

Países-Baixos — com meu marido escondido, bombas explodindo, frio e fome — o Espírito de um Pai amoroso nos conservou achegados a Deus e aos santos. Certo dia, quando servia como presidente da Sociedade de Socorro, fui, com minha filha de dez anos, visitar uma irmã mais velha, que vivia só. Quando chegamos na pequena morada da Irmã Smit, ela estava lendo. Disse-nos que estava com tanta fome, que tinha decidido ler a Bíblia, pois o alimento espiritual também podia satisfazê-la.

Naqueles dias a comida estava racionada, e eu tinha no bolso um cupom que dava direito a uma forma de pão para nossos filhos. Fiquei tão preocupada com aquela irmã esfomeada, que dei o cupom a minha filha e pedi que fosse comprar o pão para a Irmã Smit. A caminho de casa, comecei a imaginar como diria a meus filhos que havia cedido seu pão a outrem. Sentia que havia feito o que era certo, mas não sabia como iria alimentá-los.

Ao chegar em casa encontrei a resposta. Alguns amigos da família, em Zwolle, haviam pedido a um sobrinho que nos levasse uma carta, a ser entregue em mãos. Com a carta enviaram também três cupões de pão.

Com o passar dos anos, o Pai Celestial continuou a nos abençoar de forma miraculosa. Em 1947, nossa filha foi chamada para servir como missionária. Embora tivéssemos pouquíssimo dinheiro e nossa família fosse sofrer a falta do seu salário, concordamos em sustentá-la. Nunca fomos tão abençoados, como durante a missão dela. Ocasionalmente alguém me dizia que gostaria que seu filho ou filha cumprisse uma missão, mas que não possuía o dinheiro necessário. Sempre respondi que tampouco tínhamos dinheiro, mas que o Senhor nos abençoava de tal forma, que conseguíamos sustentá-la todos os meses.

Estou com oitenta anos, e quando olho para trás, sinto que um dos maiores privilégios em minha vida foi o de saber que sou uma filha de Deus, e que ele me guiará na mortalidade, se eu permanecer junto a ele. E, se eu for digna, ele estará esperando para me saudar em sua “real, celeste mansão”. □

UMA PALAVRA DE SABEDORIA

N Diane Cripe
o esforço para realizar todas as minhas metas, encontrava-me assoberbada por pressões, decisões e preocupações do mundo. Eu vinha ficando acordada até tarde, perdendo refeições e trabalhando muitas horas seguidas. Todas essas coisas estavam tendo um efeito maléfico sobre meu bem-estar emocional. Sentia-me frustrada e incapaz de enfrentar meus problemas.

Orei, esperando receber a certeza de que tudo acabaria bem. Ao invés disso, ouvi a voz mansa e delicada dizendo: "Guarde a Palavra de Sabedoria." Senti-me confusa e decepcionada. Não fumava nem tomava bebidas alcoólicas, e nunca tomara café ou chá. Como poderia o conselho de guardar a Palavra de Sabedoria aplicar-se a mim?

Pensei nas muitas vezes em que minhas amigas haviam mencionado que se sentiam desanimadas e incapazes de cumprir suas tarefas. A maioria delas tinha vencido esses sentimentos e continuado a viver. Mas entre aquelas que se julgavam inaptas, o problema

comum parecia relacionado às prioridades — elas se colocavam em último lugar em suas próprias listas. Nunca tinham tempo para refeições regulares, e raramente se recolhiam ao leito antes da meia-noite. Relutante, admiti que estava cometendo os mesmos erros, e que eu precisava mudar.

Primeiro, parei de pensar nas coisas não necessárias e concentrei-me nas que realmente importam. Esforcei-me para levantar cedo para que pudesse ter sono cedo. Comi alimentos nutritivos, e fiz exercícios físicos — regularmente! À medida que desenvolvi esses hábitos, pude planejar melhor e comecei a sentir minha vida sob controle. Muitas de minhas preocupações anteriores pareciam agora sem importância, e eu estava livre para dedicar meus pensamentos e sentimentos a outras coisas.

Freqüentemente tentamos correr antes de poder andar. Talvez precisemos apenas reavaliar nossa obediência aos mandamentos essenciais de Deus antes de tentarmos alcançar metas mais ambiciosas. □

*Um dos maiores privilégios em minha vida
foi o de saber que sou filha de Deus.*





SER POBRE

NÃO É DIVERTIDO

Élder Marvin J. Ashton Do Conselho dos Doze



Não é divertido ser pobre, mas ninguém tem que sê-lo. Por meio da oração e de obras, Deus nos ajuda a evitar a pobreza. É rico aquele que tem a vida eterna.

No entanto, podemos tornar-nos vítimas da verdadeira pobreza, se não formos sábios em nossa conduta diária. A questão principal é saber o que se pretende com os termos *pobre* e *rico*. Será que eles têm a ver tão somente com bens materiais? A questão seguinte, a ser levada em consideração por todos nós, não é saber o que faríamos se tivéssemos grandes quantias de dinheiro, tempo, influência ou vantagens educacionais, mas, sim, saber qual seria a melhor forma de usar os meios e recursos que possuímos e viremos a possuir.

Este artigo tem por propósito *tentar ajudar-nos todos a evitar a pobreza*. Espera-se que, se já formos pobres, no sentido aqui definido, sejamos capazes de sobrepujar essa condição. Vou identificar, para nosso exame e reflexão, alguns “mandamentos” que devemos seguir, se quisermos evitar a pobreza. Não há dúvida de que pode haver muitos outros mandamentos, mas os seguintes podem ser um bom início para o que temos em mente.

O amigo não perderás, nem deixarás de ser amigo

A pessoa é pobre quando tem cada vez menos amigos. É pobre quando não tem amigos. Quando os amigos, aqueles que lhe são mais caros, têm razão para

deixá-la, para não acreditar nela, para perder a confiança que nela possuem, então ela é pobre. Quando perdemos nossos amigos, acontece em geral ser-nos drenada toda nossa força, bem como nosso desejo de fazer o bem.

Muitas vezes, perdemos nossos amigos porque não estamos desejosos de pagar o preço que nos custa mantê-los. Foi o poeta americano Ralph Waldo Emerson, quem disse: “A única maneira de termos um amigo é ser um amigo.”

Somos pobres, quando não temos amigos, mas somos mais pobres ainda, quando deixamos de ser amigos. Não importa o que os outros possam vir a fazer; não podemos desistir de nos esforçar sinceramente para sermos amigos.

Honrarás teu caráter e protegê-lo-ás da autodestruição

Somos pobres quando nosso caráter está repleto de ambição e desonestidade. Quando cedemos sob pressão, então somos pobres. Somos pobres de caráter, quando pensamos que “dar um jeitinho” é um bom substituto para fazermos o melhor que podemos. A virtude, a ação e a verdade, harmoniosamente unidas em nossa vida, nos tornam ricos.

Nosso caráter é determinado pela forma como nos defrontamos com os desafios que se nos apresentam. Graças a Deus pelos indivíduos que têm a coragem de defender a verdade e a integridade. É um grande elogio ter alguém que diga de nós: “É uma pessoa que não cede em seus princípios,

quando sob pressão ou dificuldade.”

Não enganarás

Uma das armas favoritas do demônio é o engano. As habilidades de Satanás deram-lhe o título de “o pai da mentira”. Ele gostaria que todos nós nos tornássemos pobres, vivendo e promovendo mentiras. Sempre que a mentira for encorajada, aquele que a estimula é o que mais perde. A pessoa tem que assumir a responsabilidade por aqueles a quem injuria. O homem enganador considera o que pode lucrar, contando meias-verdades. O homem de caráter considera o que é certo.

Não comprometerás teus princípios

Todos nós deveríamos ter sempre em mente que o caráter é a educação adequadamente aplicada. Quando compartilhamos e estimulamos a verdade numa base contínua, protegemo-nos da pobreza. A pessoa que vive altos padrões de virtude e moralidade não compromete seus princípios, seja qual for a situação em que se encontre.

Aqueles que não comprometem seus princípios nunca são pobres. Ricos são os que vivem direcionados por princípios dignos.

Amarás a ti mesmo

Ser conquistado por si mesmo é a pior forma de derrota. A derrota não é agradável, mas nada é tão

doloroso e devastador como a autodestruição. Perder nossa dignidade própria e o auto-respeito é a pior forma de pobreza. Quando perdemos tanto a confiança nos amigos como em nós mesmo, não nos resta, tampouco, muita confiança na vida.

A pessoa é pobre, quando coloca o desespero na frente da esperança. É pobre quando esquece quem é realmente e olvida o seu relacionamento com Deus, a família e o próprio eu. Somos alguém — um filho espiritual de nosso Pai Celestial — e, com sua ajuda, podemos realizar todas as coisas.

Serás honesto

É pobre a pessoa que pensa que a honestidade é uma política, ao invés de um meio correto de vida. A consciência honesta não tem preço. “Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?” (Marcos 8:36.) Quantas e quantas vezes já ouvimos, em nossa vida, a declaração de que é melhor ser digno de confiança do que ser amado? Sem honestidade, não há alicerce para a edificação do caráter.

Não explorarás teu próximo, visando lucros pessoais

A pessoa é pobre quando usa o nome de um indivíduo ou uma organização para promover ou vender algo de valor duvidoso. Quão injustos, tolos e pobres são aqueles que desejam fazer-nos acreditar que determinado investimento é “bom”, aproveitando-se

PERDER NOSSA DIGNIDADE PRÓPRIA E O AUTO-RESPEITO
É A PIOR FORMA DE POBREZA. QUANDO PERDEMOS
TANTO A CONFIANÇA NOS AMIGOS COMO EM NÓS MESMOS,
NÃO NOS RESTA, TAMPOUCO, MUITA CONFIANÇA NA VIDA.

de suas conexões na política ou na Igreja. A desonestidade é qualquer comunicação de uma pessoa para outra, com a intenção de enganar.

Aqueles de nós que conscientemente participam de qualquer coisa desonesta, estão-se movimentando em direção à pobreza.

Não acreditarás que o arrependimento seja apenas uma declaração

É pobre a pessoa que não compreende que o arrependimento é um processo e não apenas uma declaração. Todos nós somos desafiados a reconhecer e carregar nossa cruz pessoal. O arrependimento requer ação.

A pessoa desejosa de se arrepender nunca ficará devendo mais do que aquilo que ganha. O arrependimento nos possibilita levantar quando caímos. A pessoa só é pobre quando se recusa a usar e compreender o arrependimento. O arrependimento não é uma declaração pública de que vamos mudar de vida. Significa levar uma vida melhor e abandonar a transgressão. É a nossa conduta, tanto em público como em particular.

Não permitirás que o dinheiro te governe

É pobre a pessoa que permite que o dinheiro seja o seu dono, ao invés de ser o dono do seu dinheiro. Não importa se temos muito ou pouco com que viver cada semana ou mês; o importante é que essa quantia seja usada sabiamente. Temos que organizar um orçamento

e viver dentro dele.

Parece que sempre haverá na vida de todos nós emergências e crises que nos causarão dificuldades financeiras; mas essas dificuldades não precisam empobrecer-nos. O desastre financeiro pode ser evitado, se, com os outros, aprendermos formas de ajudar a nós mesmos. Todo aquele que possui amigos, família, vizinhos, bispo e presidente de estaca que com ele se importam, é rico.

Por meio do trabalho, dos estudos e de compromissos individuais, podemos sentir satisfação pessoal, se fizermos uso apropriado e sábio de nossos recursos. Ninguém precisa desculpar-se por seu sucesso financeiro, se os meios de consegui-lo foram honrados e a pessoa sabe como usar sabiamente o que possui. Só se o dinheiro e a riqueza se tornarem nossa meta e nosso deus, seremos pobres.

Eu, pessoalmente, respeito aqueles que, com honradez, conseguem sucesso na obtenção de bens em abundância, mas somente se for evidente que o dinheiro ganho está sendo usado com sabedoria. Uma das grandes lições que devemos aprender nesta vida é que o que fazemos com o que temos é mais importante do que o que temos propriamente. Não julgamos o valor do sol por sua altura, mas por sua utilidade.

Amigos, virtude, caráter, verdade, integridade, arrependimento e outros dons de Deus, são pérolas de grande valor que estão à nossa disposição. Não é divertido ser pobre. Felizmente, nenhum de nós tem que sê-lo. □

Este artigo foi adaptado de um discurso pronunciado na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Quando estou num país onde existem muitos pobres, frequentemente sou abordado por pedintes. Sinto-me dividido entre os ensinamentos de Cristo para dar aos pobres e a idéia de que poderia estar-lhes prestando mais um des-serviço do que um serviço. Quando é certo dar esmola aos pedintes?



*John F. O'Donnal,
presidente do Templo da
Cidade de Guatemala, Guatemala*

Tendo vivido e viajado durante muitos anos por países onde há muita pobreza, eu também às vezes tenho meditado nos ensinamentos das escrituras a respeito de dar aos pobres e necessitados. Alguns pedintes são verdadeiramente necessitados — pobres, doentes ou carentes. Outros, no entanto, pertencem a grupos organizados — alguns dos quais até

pagam pelo direito exclusivo de pedir em certos lugares rendosos.

Para algumas dessas pessoas, mendigar é um modo de vida; ganham dinheiro com a suscetibilidade dos turistas ou de pessoas novas na área. Se damos esmola a essas pessoas, encorajamo-las a continuarem pedindo, o que em muitos casos pode levar ao crime e, de maneira alguma, os incentiva a se tornarem auto-suficientes. Dando esmola aos mendigos, não os estamos ajudando, necessariamente. Pelo contrário, a maneira do Senhor é *ensiná-los* a tomar conta de si mesmos e ajudá-los a aprender como tornarem-se auto-suficientes.

Como, então, conciliar a idéia de ensinar as pessoas a serem auto-suficientes, com o conselho do Salvador ao jovem rico: “vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu” (ver Marcos 10:17-22; Lucas 18:18-23), e sua afirmação de que “quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”? (Mateus 25:40.)

Esta é uma pergunta importante — uma pergunta com a qual eventualmente nos depararemos, uma vez que a população cresce em todo o mundo, a economia das nações piora, e aumenta o número de pedintes. O Velho Testamento nos diz que “nunca cessará o pobre do meio da terra”. (Deuteronômio 15:11.)

Em todas as épocas, a Igreja se empenhou em ajudar a cuidar dos pobres e necessitados. Nos tempos do Velho Testamento, era recomendado aos israelitas: “Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na tua terra que o Senhor teu Deus te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre.

Antes lhe abrirás de todo a tua mão, e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a

sua necessidade.” (Deuteronômio 15:7-8.)

A Pérola de Grande Valor nos conta que na cidade de Enoque “não havia pobres” porque o povo era “uno de coração e vontade e vivia em justiça”. (Moisés 7:18.)

No Livro de Mórmon, lemos as palavras do Rei Benjamim a seu povo: “Repartireis vossos bens com aquele que deles necessitar e não permitireis que o mendigo vos peça em vão, afastando-o para que pereça.” (Mosiah 4:16.)

Diz o Rei Benjamim que devemos abster-nos de julgar aqueles que poderão necessitar de nossa ajuda: “Talvez digais: O homem trouxe sobre si sua miséria; portanto, não estenderei a minha mão, não lhe darei do meu sustento, nem fá-lo-ei participar de meus bens para evitar que padeça, pois seus castigos são justos.

Mas digo-te eu, ó homem, que quem assim agir tem grande necessidade de arrepender-se; ...

... Quisera que desseis de vossos bens aos pobres, cada um de acordo com o que possui, assim alimentando o faminto, vestindo o despido, visitando o doente e aliviando seu sofrimento, tanto espiritual como corporal, conforme suas necessidades.” (Ver Mosiah 4:17-18, 26.)

Nesta dispensação, pouco depois de a Igreja ter sido restaurada, o Senhor instruiu o Profeta Joseph Smith nestes termos: “Tu te lembrarás dos pobres, e, para o seu sustento consagrarás das tuas propriedades, tudo quanto tens para dar... E se repartes com os pobres as tuas posses materiais, a mim o fazes.” (D&C 42:30-31.)

O Senhor deu instruções para que as “propriedades” dos santos fossem “postas diante do bispo da ... igreja e seus conselheiros, dois dos élderes, ou sumos sacerdotes que ele designar”. (D&C 42:31.) O Senhor também ordenou ao Profeta Joseph Smith “visitar os pobres e necessitados e administrar-lhes alívio”. (D&C 44:6.)

Em nossos dias, o programa de bem-estar da Igreja e as ofertas de jejum foram estabelecidas de maneira organizada para que a Igreja ajude os membros — e, em algumas circunstâncias, não-membros — em momentos de necessidade, incapacidade ou desemprego. Nós realmente “administramos alívio” aos pobres, dando ofertas generosas de jejum ou trabalhando voluntariamente no programa de bem-estar. Se amamos ao Senhor e queremos segui-lo, também daremos generosamente, quando exortados por nossos líderes a dar mais — mesmo com grande sacrifício — e nos alegraremos com isso.

A Igreja faz muito para ajudar os necessitados como organização. Mas e quanto às *peçoas* que se aproximam de nós? Como distinguir os verdadeiramente necessitados dos mendigos profissionais e aqueles que estão mendigando sem necessidade, que também existem em muitos lugares do mundo? Com base nas escrituras e em minhas experiências, concluí que dar é uma questão pessoal, que cada indivíduo deve decidir. O que torna a decisão tão difícil é a impossibilidade de ajudar todos os necessitados com quem nos deparamos. Muitos viajantes já tiveram a experiência de se verem rodeados por tantos pedintes que seria impossível dar até mesmo uma pequena quantia a cada um. Em tais situações, orações diárias pedindo sabedoria em tudo que fazemos pode orientar-nos para que saibamos em nosso coração, pelo influxo do Espírito, quando e a quem dar.

Com a inspiração do Espírito, podemos ter a certeza de que, quando dermos, o faremos como o Apóstolo Paulo aconselhou: “Não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.” (II Coríntios 9:7.) □

UM PULO NA REALIDADE

Eu tinha desperdiçado a maior parte dos meus anos de adolescência, fazendo coisas estúpidas e irresponsáveis, sem parar para pensar no efeito que meus atos teriam sobre as outras pessoas e sobre mim mesmo.

M

David C. Lewis

eu coração quase parou de bater quando espiei por sobre a borda daquele despenhadeiro de trinta metros de altura. Eu não podia acreditar que eu mesmo me havia colocado naquela posição. Meus amigos que estavam lá embaixo, no barco, riam-se de minha hesitação em pular, o que fez com que me determinasse ainda mais a fazê-lo.

Tínhamos decidido celebrar nossa formatura do segundo grau acampando em uma estância, junto a um lago. O lugar era lindo, e a temperatura por volta dos 35° todos os dias. Como era maravilhoso ser saudável, estar bronzeado e ter dezoito anos!

Ao subirmos até o topo do despenhadeiro, rimos de nossos amigos que haviam ficado lá embaixo, no barco. Eles estavam sempre falando sobre as coisas espetaculares que iam fazer, mas nunca faziam. Eram os que, na escola, sempre faziam o que era "seguro". Agora, pensamos rindo, estavam perdendo a grande oportunidade de pular do despenhadeiro, nas águas límpidas e belas do lago.

O primeiro a correr e pular foi Bryce. Vi quando ele torceu o corpo e virou no ar, e depois ouvi o barulho que fez ao cair na água. "Você precisa tentar!" gritou ele para mim, enquanto subia no barco. Foi um desafio direto.

Olhei em volta e vi meus outros três amigos sorrindo para mim. Subitamente senti uma reviravolta no estômago, ao compreender que pular de um desfiladeiro de trinta metros de altura talvez não fosse uma idéia tão boa. Mas agora, como é que eu poderia deixar de fazê-lo? Meus amigos esperavam que eu pulasse. Se eu não o fizesse, eles nunca me deixariam esquecer que desisti e não aceitei o desafio de Bryce.

Bem, quando eu estava para saltar, fui precedido por Kelly, que deu um grito animado e pulou no ar. Nós não o vimos bater na água, mas ouvimos seus lamentos ao ser puxado para dentro do barco. Seus joelhos tinham batido fortemente um contra o outro com o impacto, e suas pernas ficariam engessadas todo o resto do verão, depois de uma cirurgia em ambos os joelhos.

Eu e os dois que estavam comigo ficamos com muito medo de pular, mas não queríamos admiti-lo. Lembrei haver sido aceito na Universidade Brigham Young, e pensei nos meus planos de servir como missionário, depois do meu primeiro ano de universidade. Comecei a pensar nas consequências daquele pulo. E se eu ficasse seriamente machucado? Será que era tão importante assim impressionar meus amigos?

"Sua possibilidade de pular sem se machucar é de cinquenta por cento", gritou Bryce impaciente, lá de baixo. Não era uma idéia muito estimulante.

Afastei-me devagarinho da beira do despenhadeiro e depois corri de volta, levantando meu corpo do chão ao mesmo tempo que me elevava no ar. Olhei direto para baixo e cai rapidamente, abanando os braços para manter o equilíbrio.

Minha entrada na água foi como uma explosão, e ouvi algo estalar nas minhas costas. Ao afundar na água compreendi que não podia movimentar o corpo. Senti como se meus pulmões fossem explodir, ao voltar devagarinho para a superfície. Tão logo voltei à tona, ouvi meus amigos rindo-se da expressão do meu rosto.

Ted foi o primeiro a perceber que eu estava sentindo dores; ele mandou que os outros parassem de rir e me puxassem para dentro do barco. Quando me deitaram ao lado de Kelly, que estava com os joelhos machucados, mencionei algo sobre a dor que sentia nas costas. Logo eu estava gemendo de dor junto a Kelly.

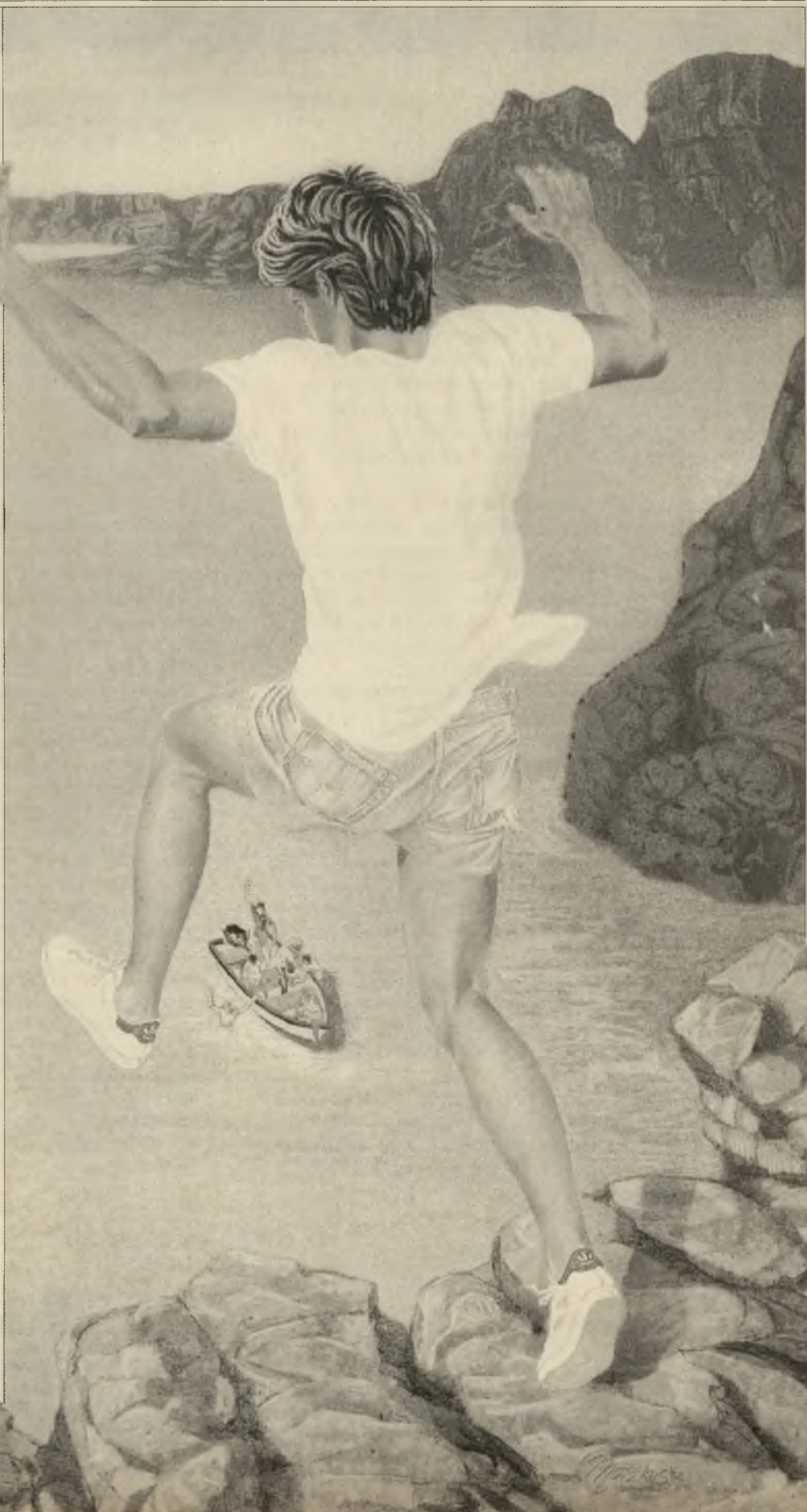
Então eu e ele ficamos observando, assustados, nossos outros dois amigos que estavam no topo do

despenhadeiro e se preparavam para pular. À despeito das desvantagens, ambos pularam e foram bem sucedidos.

Como os médicos mais próximos estavam a mais de 200 quilômetros de distância dali, decidi ficar com meus amigos e terminar a excursão. Fiquei deitado na barraca durante dois dias, chocado com minha própria estupidez. Embora eu tivesse só dezoito anos, havia arriscado minha vida por "divertimento" e para impressionar meus amigos.

O médico que me examinou disse que eu havia sofrido uma fratura de compressão, que haveria de me causar problemas de artrite durante toda a vida; ainda assim, considere-me uma pessoa de muita sorte.

Olhando para trás, compreendi que tinha desperdiçado a maior parte dos meus anos de adolescência fazendo coisas estúpidas e irresponsáveis — como saltar de um despenhadeiro de trinta metros — sem parar para pensar no efeito que meus atos teriam sobre as outras pessoas e sobre mim mesmo. Até então eu havia sido um aventureiro, que nunca teve que se defrontar com as consequências de seus atos, até aquele dia fatídico em que quase perdi a vida só para impressionar os amigos. Foi preciso aquele pulo desastroso para me tirar do mundo da fantasia e me levar para o mundo da realidade e da responsabilidade. □



A TORCIDA

Élder Paul H. Dunn Do Primeiro Quorum dos Setenta

Há tempos atrás, assisti a um jogo de futebol no qual se esperava que o time favorito, os Lions, vencesse os Pumas, um time que se saía muito bem durante a estação. Os dois times já haviam jogado um contra o outro, no mesmo ano, e os Pumas haviam perdido. Todos esperavam que este jogo, em particular, fosse mais ou menos igual, embora o apoio dos fãs estivesse igualmente dividido entre os dois times. Mas então aconteceu um incidente no campo, envolvendo dois jogadores, que pareceu virar a multidão contra os Lions. Daquele ponto em diante, mais de 15.000 fãs torceram animadamente pelos Pumas, que acabaram vencendo.

A torcida pode fazer muita diferença na vida. Ao assistirmos a jogos profissionais, podemos ter quase certeza de que o time da casa se sairá bem. O Brasil tem um time de futebol que quase nunca perde quando está jogando em casa. Qual a razão? O Estádio do Maracanã abriga mais de 220.000 torcedores que, cada vez que seu time joga, gritam ruidosamente para apoiá-lo.

Não seria bom ter esse tipo de torcida, quando sentimos que não estamos vencendo na vida? Como nos sentiríamos, se soubéssemos que realmente faz muita diferença para alguém se ganharmos ou perdemos, se brilhamos, vitoriosos, ou nos retiramos derrotados?

Presto-vos solene testemunho de que cada um de nós tem sua torcida, visível e invisível. Existem aqueles que desejam nosso sucesso. Podemos, às vezes, duvidar disso; no entanto, é verdade. Temos aqueles que vemos: pais, filhos, irmãos, irmãs, parentes, professores e amigos. Existem também aqueles que não vemos, que se importam conosco e torcem por nós: nossos pais celestiais, os entes queridos que nos antecederam, aqueles que ainda estão por vir. Eles desejam que sejamos bem sucedidos.

Existem aqueles que continuam a se importar, quer estejam aqui ou do outro lado do véu terreno. Disto tenho certeza! Mesmo quando nos sentimos completamente sós, existem aqueles que estão torcendo por nós.

Lembro-me de um amigo que, depois de terminar os estudos, casou-se e constituiu uma pequena família. Certo dia alguém a quem ele não conhecia muito bem, aproximou-se dele e lhe disse: "Achei que você gostaria de saber que sou um dos seus maiores admiradores. Sempre o observei e tenho tentado moldar minha vida pela sua."

Como podemos ver, existem aqueles que se importam, mesmo quando não o sabemos. Fico imaginando quantos pais oram silenciosamente por seus filhos! E quantos filhos e filhas devem orar silenciosamente por seus pais! Nas crises, quantos amigos torcem em silêncio uns pelos outros? Tenho a certeza de que são muitos, incontáveis. Naturalmente, só existe uma coisa melhor do que torcer em silêncio: é torcer em silêncio e vocalmente; deixar que aqueles que nos rodeiam saibam que realmente nos importamos com eles.

Muitos de vós não sentis que recebeis muito apoio, silencioso ou não. Para vós, em particular, quero assegurar que existem os que torcem lá do alto. Deus nos criou e nos ama. Mais do que qualquer coisa, ele deseja nosso sucesso agora e nossa volta, em segurança, para ele, mais tarde. Quando sentirmos que não temos outro apoio, sempre poderemos contar com ele. Para Davi, no Velho Testamento, e para nós, ele declarou: "Espera no Senhor, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração." (Salmo 27:14.)

Para todos nós que estamos tentando fazer o que é certo, ele novamente prometeu: "Irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o meu Espírito estará em vossos corações, e os meus anjos ao vosso redor, para vos sustentar." (D&C 84:88.)

E finalmente, se tão somente pudermos lembrar essas grandes promessas, poderemos eventualmente dizer, com Moisés: "O Senhor é a minha força, e o meu cântico; ele me foi por salvação; este é o meu Deus." (Êxodo 15:2.) Se tudo o mais falhar, ele não falhará.





Todos nós temos pais, amigos, ou outros entes queridos que já morreram. Eles também exercem fé a nosso favor. Será que os pais deixam de se importar, depois de mortos? Os amigos deixam de ser amigos? O amor pára no túmulo? Quero que saibais que não. A vida é eterna.

E o que dizer daqueles que ainda estão por vir à terra? Será que eles têm interesse em nosso sucesso? Vossos filhos ainda não nascidos vos observam lá de cima, com grande interesse e preocupação. Eles desejam o melhor para eles mesmos e para vós. Podeis ter certeza disso. Milhões de espíritos que ainda estão por nascer provavelmente torcem ruidosamente pelos milhões que aqui estão, preparando o caminho para eles. Não creio que possa ser de outra forma.

Espero que minha mensagem seja clara. Todo ser vivente nesta terra tem a sua torcida, composta daqueles que os cercam, daqueles que já se despediram desta vida mortal, e daqueles que ainda estão por vir.

Acima de tudo, presto-vos testemunho de que existe um Pai nos céus que vos colocou aqui na terra e deseja que retornéis para ele. Seu apoio, em si já é suficiente. Espero que possamos aproximar-nos dele para ficarmos cientes disso, e que passemos esse conhecimento àqueles que nos cercam e dele necessitam, principalmente nossa própria família. Possa o Espírito dar-vos a mesma certeza que possuo, de que nosso Pai vive, que ele nos ama, e que juntamente com muitos outros, pode levar-nos em segurança, de volta para casa. □

É UM PRIVILÉGIO

Ao entrevistar os missionários e ouvi-los falar, aprendi algo sobre sua maturidade espiritual, grau de preparação e dedicação ao trabalho.

SA. Lynn Scoresby
enti a natureza verdadeiramente universal do evangelho numa reunião sacramental memorável. O sacramento foi administrado em francês e alemão. Os discursos foram pronunciados em italiano, inglês e português. Uma estrofe de "Sou um Filho de Deus" foi cantada em dez línguas diferentes: japonês, coreano, alemão, espanhol, italiano, francês, tonganês, samoano, holandês e inglês. A congregação toda sentiu-se tocada pela linguagem espiritual da alma.

Embora me parecesse incomum na ocasião, este tipo de reunião sacramental tornar-se-ia familiar para mim, pois eu havia sido recentemente chamado para servir como presidente do ramo do Centro de Treinamento Missionário (CTM), em Provo, Utah. Compreendi então que esta seria uma experiência excepcional.

Os missionários de meu ramo vinham de muitas nações. Certa ocasião, tínhamos jovens de dezoito países diferentes, reunidos por uma causa comum: seu testemunho e amor ao Salvador.

A emoção de ver rapazes de muitos países, de entrevistá-los e tentar ajudá-los, durou o tempo todo em que servi no CTM. Acima de tudo, eu sentia prazer em conhecê-los. Aprender com as experiências deles e observar seu crescimento no evangelho foi uma bênção que me deixou maravilhado e, ocasionalmente, quando penso e falo a respeito, ainda traz lágrimas aos meus olhos.

Ao entrevistar os missionários e ouvi-los falar, aprendi algo sobre sua maturidade espiritual, grau de preparação e dedicação ao trabalho. Eles eram muito variados. Alguns bem preparados, outros não. Alguns espiritualmente maduros e outros sem



espiritualidade alguma. Alguns dedicados ao trabalho e outros não tão dedicados. Conversando com eles, escutei-os

mentonar as palavras *sacrifício* e *privilégio*.

Combinar Palavras com Atos

Notei que todos os missionários usavam pelo menos uma destas palavras e, às vezes, ambas, para descrever seus sentimentos sobre a missão. Alguns diziam serem felizes por poderem sacrificar dois anos de sua vida, bens e namorada para servir ao Senhor. Outros diziam ser um privilégio servi-lo. Ouvi estas duas palavras com tanta frequência que comecei a observar de que forma os missionários combinavam as palavras com os atos.

Um élder da Alemanha me contou que "sempre soube" que não "conhecia a verdade". Disse que às vezes "orava a Deus" para encontrá-la. Depois de sair do serviço militar, ele arranhou um emprego na Suíça. Certo dia, morando só e sentindo-se solitário, orou novamente: "Por favor, meu Deus, envia-me a verdade." Poucos dias mais tarde, andando na rua, foi abordado por um estranho, que lhe disse: "Meu jovem, sei que tenho que falar com você, mas não sei por quê." Nas palavras do missionário: "Olhei para ele e soube que ele tinha o Espírito de Deus. Seu rosto resplandecia." O estranho era um membro da Igreja que estivera andando pela mesma rua

movimentada, e se sentira inspirado a falar com um jovem que não conhecia. Este novo élder considerava sua missão um privilégio.

Uma irmã da Espanha, que já havia completado uma missão de tempo integral, voltou imediatamente ao seu trabalho como enfermeira, a fim de ganhar dinheiro para outra. No início, os líderes locais não queriam deixá-la partir, mas ela persistiu no seu intento, até que finalmente consentiram. Foi chamada para servir no Chile.

Um élder do México mostrou-me alegremente uma fotografia de sua família. "Veja", disse ele, "meu pai economizou dois meses para poder comprar estes sapatos para mim. O ramo contribuiu com dinheiro para que eu pudesse comprar este terno."

Ambos descreveram sua missão como um privilégio.

Um élder chegou, vindo de Samoa. Ao apresentar-se pela primeira vez, foi até a frente da congregação segurando um exemplar do Livro de Mórmon. Disse ele: "Estou aqui porque este livro é verdadeiro." Ele era um dos quinze filhos da família. Seu pai lhe havia dito, antes de sair de casa, que outros homens, líderes da Igreja, seriam seus pais nos anos seguintes. Ele deveria prestar-lhes obediência. Ele considerava sua missão um grande privilégio.

Outro missionário contou que ouviu falar sobre o evangelho na França. Os missionários não falavam sua língua fluentemente, mas ele sabia que era importante o que lhe diziam; portanto, estudou inglês, a fim de melhor compreendê-los. Depois de ouvir as palestras, encontrou dificuldade em se livrar de alguns de seus maus hábitos. Os missionários disseram-lhe que pedisse ajuda ao Senhor. Certa noite em que lutava com extrema dificuldade para sobrepujar seus problemas, lembrou-se do conselho e foi para o quarto, rogar por ajuda. Uma ou duas horas mais tarde ouviu uma batida na porta. Lá estavam os missionários, completamente molhados, por terem andado cinco quilômetros debaixo de forte temoral. — Por que é que vocês estão aqui? perguntou-lhes. — Estávamos dormindo — replicaram os missionários, — mas acordamos com o sentimento de que você precisava de nós. — Ele fez uma pausa e olhou para a audiência, como se estivesse à procura de alguém. Depois continuou, com a voz trêmula, cheia de amor e gratidão: — Quero que vocês conheçam meus

missionários. Ambos moravam perto do CTM e haviam sido convidados para ouvi-lo falar em nossa reunião. Ele referiu-se à sua missão como sendo um privilégio.

Um élder contou que veio do Vietnã e foi parar num acampamento de refugiados, perto de Seattle, Washington. Enquanto tentava aprender inglês para poder viver nos Estados Unidos, alguém lhe deu um cartão com uma gravura e um endereço, que ele, sem saber por quê, guardou. Mais tarde, quando lhe foi perguntado onde desejava viver, ele mostrou o cartão ao funcionário da alfândega. "Não posso mandá-lo para lá", foi-lhe dito, "mas posso enviá-lo para um lugar próximo". Ele foi mandado para uma família santo dos últimos dias na Cidade do Lago Salgado, onde aprendeu sobre a Igreja. Ao terminar de contar sua história, mostrou o cartão que lhe havia sido dado no acampamento de refugiados. Era uma gravura do CTM. "Aqui estou eu, Presidente", disse ele. Como os outros, ele também achava ser um privilégio sair em missão.

O Privilégio de Servir

O privilégio de servir ao Senhor em missão é sentido e demonstrado de muitas formas. Certo missionário havia-se debatido com problemas familiares desde menino. Ainda jovem, foi expulso de casa, indo morar com outra família, que o levou à Igreja. O evangelho deu à sua vida o direcionamento que sua família não tinha conseguido dar. Anos mais tarde, depois de se tornar um dos melhores jogadores do time de futebol da universidade, ele decidiu servir como missionário. Antes de fazê-lo, distribuiu exemplares do Livro de Mórmon aos amigos da escola. Isto incluiu os treinadores do time, jogadores e professores. Ele distribuiu mais de 200 exemplares antes de entrar no Centro de Treinamento Missionário.

Os missionários que viam a missão somente como um sacrifício, muitas vezes se dedicavam honestamente ao serviço do Senhor; no entanto, descobri que ainda não haviam obtido uma revelação pessoal e inspiração. Geralmente eram menos informados sobre o Salvador, mas à medida que estudavam as escrituras e o conheciam melhor, seus corações pareciam dilatar-se e suavizar. Começavam a sentir mais profundamente o amor de Cristo e a compreender

a importância da obra missionária, reconhecendo-a como a continuação desse amor, estendendo-se até os outros. Muitos daqueles que começaram falando em sacrifício, deixaram o Centro de Treinamento Missionário com a palavra privilégio nos lábios.

Em minha última reunião sacramental no CTM, um élder mais velho que a maioria dos missionários, ficou em pé. Ele se desculpou por não falar bem o inglês, mas esperava que pudéssemos compreendê-lo. Sua voz era forte e profunda. Disse-nos que havia nascido em Cracóvia, na Polônia. Não se sentia bem na igreja de sua família, e "instintivamente" sabia que algumas de suas práticas não eram corretas. Deixou de frequentar a igreja e começou a estudar a Bíblia. Com o passar dos anos tornou-se extremamente descontente com o governo e, aos dezoito anos de idade, pediu asilo político na Áustria. O pedido foi atendido e ele deixou o lar para começar uma nova vida. Passou nove meses muito difíceis num campo de refugiados, perto de Viena, antes de pedir permissão para emigrar para os Estados Unidos. Chegando aos Estados Unidos, foi visitado por missionários de muitas igrejas. "Eram todos muito simpáticos", disse ele, "mas eu sabia que não possuíam as respostas que eu procurava". Certo dia, ele assistiu a um programa de televisão sobre os mórmons. Gostando do que viu, decidiu aprender mais sobre a Igreja. Procurou os missionários, ouviu e aceitou o evangelho, e aos vinte e cinco anos saía em missão. "É um privilégio estar aqui", adicionou ele suavemente, no seu forte sotaque polonês. "Há muito tenho esperado por isto."

Servir o Salvador é um privilégio para qualquer um de nós. É um privilégio tomar parte, por menor que seja, na grande obra missionária da Igreja. Tenho pensado naqueles jovens que têm uma vida fácil, ou que não conhecem o Senhor, ou que têm medo, ou, ainda, que não se importam. Quisera que eles compreendessem que é um privilégio estudar as palavras de vida eterna, aprender sobre o Redentor e procurar oportunidades para servi-lo por meio do serviço ao próximo. □

Jed Clark





“**O** Ricky McWhorter

brigado, Presidente. Amanhã mesmo estarei lá.”

“Que homem formidável!” pensei, ao desligar o telefone. O presidente da Missão Jackson Mississippi tinha acabado de me telefonar, pedindo-me que cumprisse uma missão de duas semanas na área de Bossier City, Louisiana. Continuei repetindo para mim mesmo que seria uma ótima forma de descobrir como era realmente a obra missionária.

Passei as próximas vinte e quatro horas arrumando minha mala, orando e preparando-me para tudo o que pudesse acontecer-me nas duas semanas seguintes. Orei para que pudesse ser útil aos missionários, Elder Abbott e Watkins, com quem eu haveria de servir.

O sábado chegou depressa. Minha família me levou de carro até Bossier, onde almoçamos e depois telefonei aos élderes, para avisar que estava pronto. Depois do que me pareceu uma eternidade, mas que na realidade não passou de dez ou quinze minutos, os dois jovens, poucos anos mais velhos que eu, chegaram no carro da missão. Eu não sabia como agir, nem o que fazer, mas me apresentei timidamente ao Elder Abbott. “Ele é um gigante espiritual”, pensei. Como poderia ser-lhe de ajuda? Já nem sabia mais por quê estava ali.

Depois de ficar conhecendo Elder Watkins, quase cheguei a me convencer de que não poderia ser de ajuda para nenhum dos dois.

Despedi-me de minha família e, antes de me dar conta do que fazíamos, estávamos na rua, batendo às portas. Fiquei maravilhado com a eloquência dos élderes ao se dirigirem às pessoas. Depois de uma hora batendo às portas, Elder Abbott se virou para mim e disse: — Você pode apresentar-nos na próxima casa, Irmão McWhorter.

— Não, eu não posso! — respondi, desconcertado.

— Claro que pode — replicou ele. — Você tem que pensar positivamente. Pode haver um converso em potencial morando lá.

— Está bem, vou tentar! — respondi.

Bati na porta.

A medida que se abria, meu coração parecia querer sair do meu peito. A sala estava repleta de adolescentes embriagados, e eu mesmo não



“NÃO ME
ENVERGONHO
DO EVANGELHO
DE CRISTO”



HO
LHO

Ao abrir-se a porta,
verifiquei que a sala
estava repleta de
adolescentes
embriagados, e eu mesmo
não passava de um
adolescente também. Eles
começaram a zombar de
nós.

passava de um adolescente também. Quando comecei a apresentar-me, a mim e meus companheiros, eles começaram a zombar de nós. Por que eu, Senhor? Perguntei em silêncio.

Não bati noutra porta o resto da noite. Mais tarde, naquela mesma noite, comecei a pensar no meu dia como missionário de "tempo integral". Por que abrigava tais sentimentos? Por que tinha medo de falar sobre o evangelho? Como poderia cumprir uma missão de dois anos, se não conseguia nem mesmo encarar as pessoas e compartilhar as verdades do evangelho com elas por duas semanas? Decidi então que só havia um modo de obter ajuda.

Quando me ajoelhei e humildemente orei, expondo ao Pai Celestial os desejos do meu coração, um sentimento de paz e conforto desceu sobre mim. Uma voz suave mandou que eu procurasse as escrituras. Comecei a folhear a Bíblia, quando deparei com um versículo sublinhado em vermelho. Era uma escritura que eu havia marcado numa aula do seminário. Ao lê-la soube que minha oração havia sido respondida. Um sentimento gostoso de clareza e compreensão me adveio, à medida que li: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16).

Esta escritura nunca significou tanto para mim como então. "O poder de Deus para salvação", repeti em voz alta. Eu não precisava ter vergonha do evangelho, porque ele era a própria chave para a salvação. Sem ele, nem uma só alma pode progredir depois desta vida.

Na manhã seguinte, levantei determinado, com o forte desejo de compartilhar o evangelho.

Hoje, cinco daquelas pessoas que ajudei a ensinar naquelas duas semanas, já entraram na Igreja. Como podemos fortalecer-nos dando ouvidos aos sussurros do Espírito!

Lembro vividamente o que senti quando o Espírito Santo me prestou testemunho daquela importante mensagem das escrituras encontradas em Romanos. Até hoje, quando me confronto com a oportunidade de partilhar o evangelho, aquela mesma voz, suave e delicada, sussurra ao meu ouvido: "O poder de... salvação, o poder de... salvação." □

VOCÊ T

Entrevista com a
Irmã Ardeth G. Kapp,
presidente geral
das Moças



TEM MUITO PARA DAR

As moças precisam viver de acordo com os padrões do evangelho, para que possam estar preparadas para melhor servir ao Senhor, disse a Irmã Ardeth G. Kapp, presidente geral das Moças, numa entrevista especial.

Usando sua própria vida como exemplo, Irmã Kapp adicionou: "Fui criada numa pequena comunidade agrícola, em Alberta, no Canadá. Nunca imaginei que um dia viesse a ser chamada para servir as moças da Igreja em âmbito mundial. Eu só sabia que amava ao Senhor e que desejava servi-lo da melhor forma possível. Da mesma forma que o Senhor me chamou, poderia chamar qualquer outra irmã da Igreja."

Irmã Kapp tem tido a oportunidade de viajar e conhecer muitas jovens. Disse ela: "Sinto-me impressionada com a crescente maturidade de seu testemunho. Elas estão adquirindo melhor senso de propósito e direção. Estão desenvolvendo o sentimento de que fazem parte de uma grande e importante organização, não importa quão isoladas estejam como membros da Igreja."

O que gostaria a Irmã Kapp de dizer, se pudesse conversar com cada jovem em particular?

"Primeiramente, gostaria de abraçar uma a uma, e dizer-lhes que as amo.

Depois gostaria de fazê-las compreender que podem ser de grande influência para o bem neste mundo, estejam onde estiverem. Talvez pertençam a um pequeno e remoto ramo da América do Sul, da Europa ou do Japão. Podem ser a única pessoa de sua família, escola, cidade ou vila, que seja membro da Igreja. Talvez pensem que não são muito importantes, mas são. Se viverem de acordo com os valores da organização das Moças, podem ser um grande exemplo para aqueles que as cercam.

Perguntaria se elas se lembram da história do menino que possuía um cesto com cinco pães e

dois peixes, na Bíblia. (João 6:3-13.) Nesse mesmo dia, cinco mil pessoas tinham ido ouvir o Salvador. Ele perguntou se havia alimento para todos. Um de seus discípulos, André, lembrou-se do menino. O Salvador pegou aquela pequena quantidade de alimento, abençoou-a e distribuiu-a ao povo. Não só houve o suficiente para alimentar a todos, mas ainda houve o que sobrar.

Fico imaginando o que o menino pensou, quando o Salvador lhe pediu os pães e os peixes. Será que pensou como talvez nós o fazemos: "De que adianta? Não tenho muito para dar?" No entanto, ele deu o que tinha, e com a bênção do Senhor, sua oferta saciou a fome de milhares de pessoas.

Se toda moça da Igreja desse ao Senhor um exemplo edificante, ele poderia usá-lo de formas que jamais poderíamos sonhar.

Gostaria de insistir com as moças em que continuem orando, que estudem as escrituras, sejam ativas na Igreja e fiéis às promessas que fizeram ao Salvador. E então, como o menininho com sua oferta, estarão prontas quando o Salvador desejar usá-las para abençoar outras vidas. Poderão ser chamadas para servir como conselheiras numa classe de Abelhinhas, como missionárias de tempo integral, ou, como eu, para trabalhar com todas as moças da Igreja.

Creio firmemente em algo que o Presidente Ezra Taft Benson escreveu certa vez: Ele disse que as pessoas que "entregam sua vida a Deus, descobrirão que ele pode fazer muito mais do que eles próprios. Ele tornará mais profundas suas alegrias, expandirá sua visão, iluminará sua mente, fortalecerá seus músculos, elevará seu espírito, multiplicará suas bênçãos, aumentará suas oportunidades, confortará suas almas, aumentará seus amigos, e os cobrirá de paz." (Jesus Cristo — Dádivas e Esperanças, *A Liahona*, abril de 1977, p. 25.) □

